

ENTRE AS TELAS E A TERRA: O PAPEL DA MULHER INDÍGENA XAKRIABÁ EM TEMPOS DE PANDEMIA



**ENTRE AS TELAS E A TERRA:
O PAPEL DA MULHER INDÍGENA XAKRIABÁ
EM TEMPOS DE PANDEMIA**

**Trabalho de finalização do Curso de Formação Intercultural para Professores Indígenas
Habilitação em Matemática**

Luana Leite Pinheiro Bizerra

ETNIA
Xakriabá

ORIENTADORA

Profa.Dra. Carolina Tamayo Osorio

**Curso de Formação Intercultural para Professores Indígenas
Faculdade de Educação
Universidade Federal de Minas Gerais
Belo Horizonte
2022**

DEDICATÓRIA E AGRADECIMENTOS

Quero dedicar a minha gratidão a Deus, pois sem ele aqui eu não teria chegado, mesmo com todos os desafios e as dificuldades eu decidi descansar no Senhor, entregar tudo nas mãos dele, pois foi com a permissão dele que eu vim parar aqui, e ele não me desamparou nem por um minuto, mesmo diante de tantos desafios, de risos e lágrimas ele sempre esteve ali nos fortalecendo, enxugando nossas lágrimas. Eu aprendi uma coisa, seja lá o que for que você estiver fazendo ou passando, acredite, se Deus permitiu esse obstáculo na nossa vida, é porque ele acredita na nossa capacidade de passar por cada um, antes mesmo de chegar naquele lugar, ele já tinha tudo preparado, então somente viva, e agradeça a Deus por cada minuto de vida. Amém!

Dedico esta pesquisa também a minha querida Bisavó Maria (*em memória*), que na verdade é a minha mãe, ela me criou, educou e me amou. Vozinha, se a senhora estivesse aqui, para ver

“ofereça a Deus em sacrifício a sua gratidão, cumpra os seus votos para com o altíssimo”

Salmos 50:14

a minha alegria, mas sei que lá onde a senhora está, me vê, e sei que vibra a mesma alegria que eu, pois é por sua causa que consegui chegar até aqui, que desde pequena confiava no meu potencial, e não me deixou quando eu mais precisava. Te Amarei eternamente.

Quero aqui também agradecer a minha família, por ter segurado em minhas mãos, e entrar nessa aventura comigo, ao meu marido Adilson, que sentia as mesmas alegrias e tristeza comigo, um grande companheiro, que sempre me apoiou e confiou em mim, o meu muito obrigada. A meu querido filho Moisés que desde na barriga da mamãe viveu essa aventura comigo do FIEI, que foi minha grande inspiração, meu pequeno Moisés, que com lágrimas tive de deixar tão pequeno, para buscar um futuro melhor para ele, por mais que foi doído deixá-lo, eu

tinha que ir, foram noites mal dormidas, choros, mais Deus esteve ali me fortalecendo.

Agradecer a minha querida sogra, Dona Ana, não tenho nem como agradecer, pois é como uma mãe para mim e ao meu filho, e nesse percurso da minha vida, sempre esteve ali me apoiando no que eu mais precisava, que era nos cuidados com o meu filho, todas as vezes que precisei deixá-lo ela cuidou dele, cuidou como uma mãe, a senhora, a minha eterna gratidão, agradeço a Deus pela sua vida, sempre pedindo que cuide da senhora, com muita saúde, meu muito obrigado.

Enfim agradeço a toda minha família, meus pais, meus irmãos, a minha tia Luciana, se não fosse por ela, pelos exemplos, e ensinamentos, também não estaria aqui hoje, pois depois da minha bisavó, cuidou de mim, como se fosse a minha mãe também, pois uma grande mulher de sabedoria, minha primeira inspiração para fazer essa faculdade, que sempre me mostrou como é importante fazer sempre as coisas certas, a senhora e toda a sua família, a minha eterna gratidão.

As minhas irmãs que Deus me deu, nessa caminhada, Ana Claudia, Rosemery, Solange e Silene, minhas amigas/irmãs, o

que seria de mim ali naquele lugar sem vocês, eu agradeço a cada uma de vocês pelo companheirismo, pelos momentos de alegria, pois todas foram um ombro amigo, uma por todas e todas por uma, que vou levá-las para a vida toda, amo vocês. Agradeço a todos meus colegas de turma, e a todos estudantes do FIEI, pois ali formamos uma família, que cada um de vocês alcance o que almejam.

Chegou à parte dos meus queridos professores e bolsistas, que desde o início me ajudaram, sempre que precisei, quero agradecer pela paciência, amizade, por todo carinho, dizer que agradeço a Deus pela vida de cada um dos meus professores, que muitas vezes colocando seus problemas no bolso, ia nos ajudar a resolver os nossos, grande exemplo de profissionalismo, aprendi muito com vocês, a minha eterna gratidão. E no meio do curso conheci virtualmente a minha orientadora, Carolina Tamayo Osorio, no início fiquei com medo, duas pessoas totalmente diferente, mas pensa em uma pessoa de bom coração, disposta sempre a me ajudar, que me alegrava sempre, me motivando a não desistir, sempre com um sorriso no rosto, obrigado professora Carol, grandes aprendizagens tive com a senhora, a minha eterna gratidão.

Esses 4 anos passaram voando, queria passar mais tempo com vocês, meus livros vivos. Agradeço a todos meus professores desde as minhas primeiras séries, aqueles que me ensinaram pegar no lápis, e até aqueles que me ensinaram que conhecimento não se encontra somente nos livros, mas também na roda de conversa com os mais velhos, obrigada.

Quero agradecer também pela oportunidade aos cacique e lideranças, nossos guerreiros, grande admiração tenho por cada um, pois lutam incansavelmente por nossos direitos, agradecer a nossa jovem liderança Célia Xakriabá que foi também uma grande inspiração, e centro da minha pesquisa, aprendi muito com Célia, pois é uma grande mulher de grande sabedoria, e convido a todos para verem as *lives* dela, pois é conhecimento que não acaba mais, é um livro aberto, cheio de sentimento, conhecimento, grande exemplo para todos, o meu muito obrigado

por ter me dado essa oportunidade de conhecer a sua história e saber mais do meu povo.

Quero agradecer de forma muito especial a Eric Machado Paulucci estudante da linha de Educação Matemática do doutorado Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social, da Faculdade de Educação da UFMG (PPGE/FaE/UFMG) pela sua ajuda e empenho na edição da versão final deste documento.

Por fim eu quero agradecer, a dona Ana, que também é uma grande mulher de sabedoria, mulher trabalhadeira, que mesmo com a idade que tem, não deixou esse costume acabar, pois leva o trabalho como um momento de diversão, faz parte do seu dia a dia. Quero agradecer pelos momentos de repasses de sabedoria, levarei a sua história sempre comigo, como um grande exemplo de vida, o meu muito obrigado!

RESUMO

O Presente trabalho tem como foco uma pesquisa, que permite analisar a valorização o papel da mulher Xakriabá no meio da vida que acontece na pandemia, vozes que desde sempre tem participado das lutas de nosso povo. Partimos do entendimento de que a participação social, cultural e política das mulheres de povos originários envolve diferentes e criativas narrativas determinantes na luta pelo território e na conservação da cosmogonia Xakriabá. Ao desvelar o protagonismo de indígenas ativistas na elaboração de narrativas nos espaços da *web* e nos territórios de nosso povo procurasse entendê-las como vozes ativas e produtoras de luta e resistência. As mulheres Xakriabá como parte do movimento indígena, que há centenas de anos luta pela preservação da natureza e pela demarcação de terras, ecoam nesta pesquisa valorizando suas reivindicações nas mídias sociais e no território.

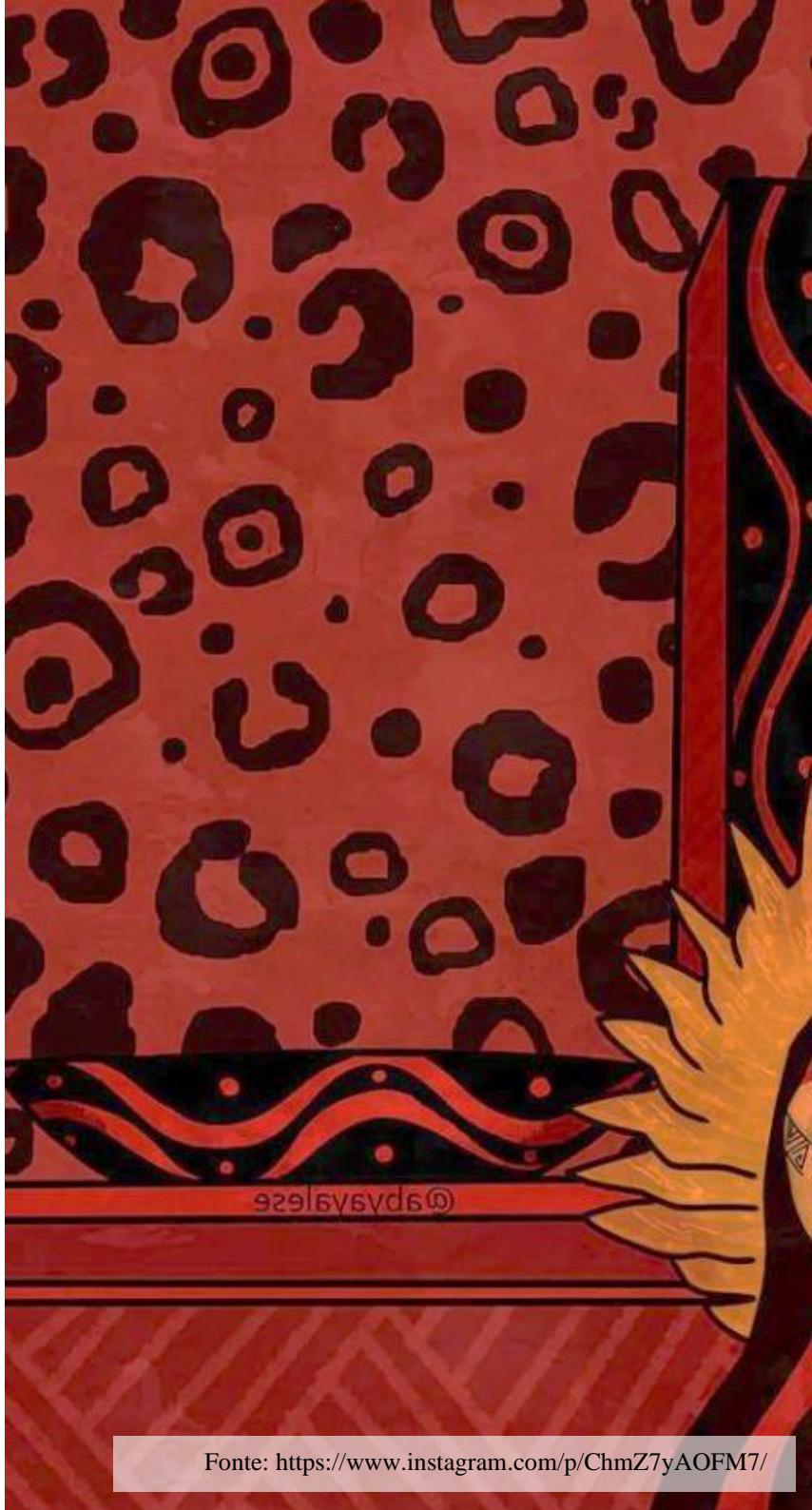
PALAVRAS-CHAVE: Valorização; Cultura Xakriabá; Mulher Indígena.



SUMÁRIO

Tecendo a Pesquisa.....	08
Revivendo mina história.....	19
Uma mulher Xakriabá envolvida na pesquisa.....	34
Diálogos com Célia Xakriabá: as lutas na tela com um pé na aldeia.....	38
Existia uma escola na vida, e uma vida na escola.....	38
Momento de terra aula.....	40
Quem tem território tem lugar para onde voltar.....	43
Morreu também o princípio da humanidade.....	46
“Sociedade Brasileira, o mundo vocês vão deixar a boiada passar por cima de nós?”.....	47
“ [...] nós só estamos aqui hoje porque vieram muitos de nós”.....	50
Demarcação territorial e a Sobrevivência da Mãe Terra.....	51

Luta das mulheres indígenas para além da fronteira.....	53
“A escola tá em todos os lugares pois elas são e estão dentro das próprias pessoas”.....	56
“Não existe educação, não existe escola, sem o direito territorial”.....	58
VOZES DO CHÃO DA TERRA.....	61
4.1. Conversa com a anciã dona Ana.....	61
4.2. Aprendendo com Luciana Alexandre Leite da Cruz.....	64
4.3. Uma conversa com Célia Xakriabá no chão da aldeia.....	66
Aprendizagens de uma pesquisa com um pé Na aldeia e um pé na universidade.....	85
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	87



CAPÍTULO 1

Tecendo a Pesquisa

“O que é ser mulher indígena hoje?

Célia Xakriabá: É nascer fazendo resistência. Nascer entendendo que a nossa mãe, a nossa avó, a terra, está sendo ameaçada. Que o nosso útero está sendo contaminado. Ser mulher indígena é, sobretudo, nascer nessa resistência de luta sem ter tempo nem medo. Diante de um genocídio de mais de cinco séculos, que nunca termina, ser mulher indígena e estar na luta não é exatamente uma escolha pelo ativismo, mas é um ato de resistência. Quando temos que escolher entre ter medo e continuar lutando pela vida, a luta pela vida é o que move essa resistência de ser mulher indígena”¹.

Início está escrita com a pergunta *“o que é ser mulher indígena hoje?”* e retomo a fala de Célia Xakriabá como motor que me impulsiona a pensar sobre os modos de insurgência das mulheres Xakriabá no médio a vida que acontece na pandemia provocada pelo vírus Covid-19. Assim, nesta pesquisa eu pretendo mostrar como as mulheres indígenas, com essa

pandemia, se reinventaram para resistir e lutar pela vida em nossos territórios, pois como diz Célia Xakriabá: *“luta pela vida é o que move essa resistência de ser mulher indígena”*. Eu entendo, que nesse processo de reinvenção, no meio a uma emergência sanitária mundial, as mulheres Xakriabá criaram mecanismos para resistir *“Entre as telas e a terra”*, para

¹ Fala de entrevista a Célia Xakriabá por Martina Medina disponível em: <https://yam.com.vc/sabedoria/791662/celia-xakriaba-curando-a-terra-curamos-a-nos-mesmos>

denunciar crimes ambientais, preservar e divulgar sua cultura, defender seus direitos, mostrar suas condições de vida, assim como, às dos seus territórios. Lutas, projetos e denúncias diárias que têm sido colocadas na cena nacional assim como internacional.

Os recursos de divulgação digital como YouTube se tornaram ferramentas de luta em tempo de isolamento social para os povos indígenas, se tornaram uma ferramenta fundamental na participação das mulheres indígenas nos processos de reivindicação e luta do nosso povo Xakriabá. Estes recursos virtuais passaram a ser usados com maior intensidade pelo nosso povo para vencer a barreira da falta de espaço nas mídias tradicionais durante a pandemia. Assim a internet acabou se tornando uma ferramenta de comunicação fundamental para a transmissão de conhecimentos, lutas e reivindicações absolutamente pertinentes no contexto atual Xakriabá e brasileiro. Vale a pena notar que, as redes sociais como *Instagram*

e *Facebook* também têm desempenhado um papel importante, pois nelas muitas mulheres indígenas, não só mulheres Xakriabá², se fazem presentes e conseguem estender debates e reivindicações nascidas nas aldeias indígenas a outros lugares do mundo.

A participação e reinvenção das mulheres Xakriabá na pandemia, não só se deu na *tela* -no contexto digital-, senão também, nas ações desenvolvidas no nosso território, isto é, no interior da nossa aldeia todas desempenhamos papéis importantes para a manutenção da vida. As mulheres Xakriabá participaram de forma ativa e determinante na construção e monitoramento das barreiras sanitárias do território (Ver fotografias 1, 2), na elaboração de máscaras (Ver fotografias 3), na plantação de horta (Ver fotografia 4); manutenção das atividades escolares ativas (Ver fotografias 5), as atividades de cuidado às crianças e idosos;

² Vale a pena notar que outras mulheres indígenas do território brasileiro tem usado as redes sociais e mídias digitais para difundir lutas e resistências de seus povos e do movimento indígena algumas delas são: Sonia Guajajara, Flávia Xakriabá, Nety xakriaba, Juliana Jenipapo Kanindé, Elisa Pankararu, Célia Tupinambá, Samela Sateré Mawé, Txai Surui, Bia Pankararu, Rosália

Itapewa, Janaina Jenipapo Kanindé, Antônia Kanindé, Telma Taurepang, Jozi Kaingang, Kerekux, Sabrina Huni Kuin, Thais Anacé, Thyara Pataxó, Puyr Tembé, O-é Kayapo, Alawero, Cisa Pitaguary, Yekan potiguara, Anna Paté, Cacique Pequena, Amanda Krenak.

além da participação na segunda marcha das mulheres indígenas =oposição ao “marco temporal³”.



Figura 1.

Organização para
barreiras sanitárias
do território

³ O Marco temporal é uma tese que procura alterar a política de demarcação de terras indígenas no Brasil, segundo essa tese, só poderia reivindicar direito sobre uma terra o povo indígena que já estivesse ocupando-a no momento da promulgação da Constituição Federal em 05 de outubro de 1988.



Figuras 2.

Organização para
barreiras sanitárias
do território

Figuras 3.

Elaboração de
máscaras

Figuras 4.
plantação de horta



Além das mulheres Xakriabá ocuparem e lutarem pela terra e a vida no interior da nossa aldeia, também ocuparam a *tela* digital de um jeito diferente, como uma ferramenta de luta. Estes fatos me motivaram para registrar e analisar o papel da mulher Xakriabá na sobrevivência do nosso povo.

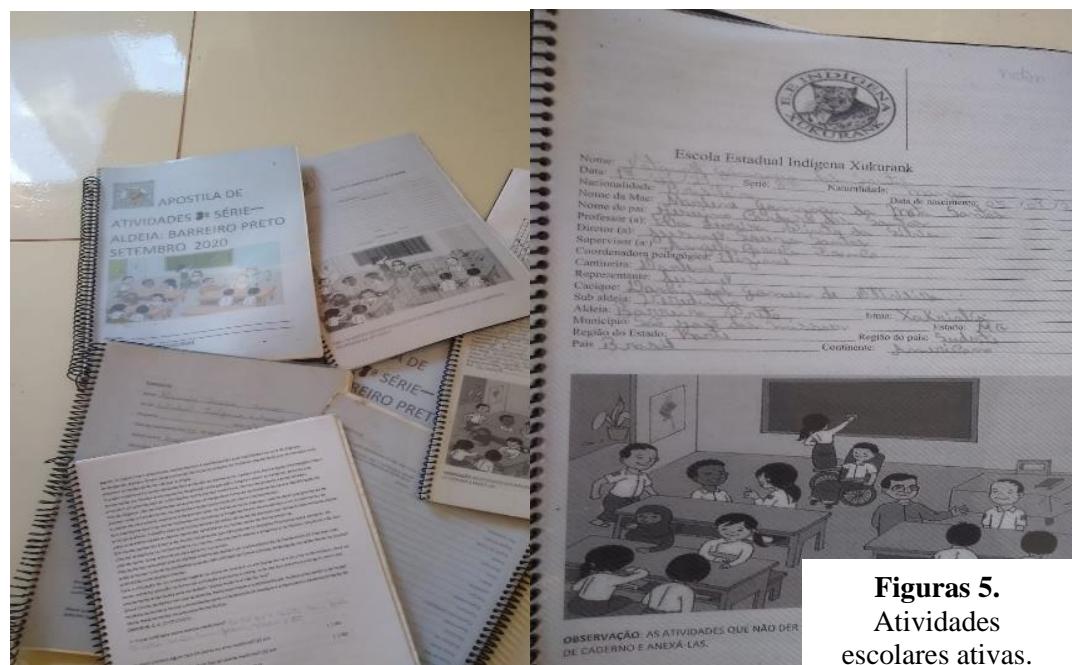
Deste modo, eu entendo que esta pesquisa, nasce para reconhecer a importância de mulher Xakriabá no meio da vida que acontece na pandemia, vozes que desde sempre tem participado das lutas de nosso povo. Esta pesquisa é importante para nós mulheres porque dá visibilidade ao trabalho que as mulheres Xakriabá fazem e as incentiva como ato de reconhecimento pelo seu papel social, cultural e político, como vozes ativas e produtoras de luta e resistência. As mulheres Xakriabá como parte do movimento indígena, que há centenas de anos luta pela preservação da natureza e pela demarcação de terras, ecoam nesta pesquisa valorizando suas reivindicações nas mídias sociais e no território.

Na perspectiva da cosmogonia Xakriabá as mulheres aprendem a respirar, ter calma em meio às tempestades que acontecem na aldeia, as mulheres estão conectadas com a

natureza, aprendem a dominar os problemas com os ensinamentos dos pajés, fazendo aquele revestimento de trabalho -cuidados espirituais e físicos através do uso das plantas-. O Pajé Vicente, que é uma das grandes referências do nosso povo, nos ensinou que em meio aos acontecimentos a gente aprende a se proteger nas matas⁴, entre animais e com mulheres guerreiras. Aprendemos com ele sobre a sabedoria dos seres naturais e como eles estão conectados com o feminino e a luta, isto é, as mulheres Xakriabá e a natureza estão conectadas, ser mulher é ser natureza.

Outras experiências têm sido construídas em outros povos durante a pandemia que mostram modos de apropriação das redes sociais e outros meios de divulgação digitais pelos povos indígenas, um exemplo disto é apresentado por Naine Terena de Jesus e Téo de Miranda (2020) no seu artigo “*Educação escolar indígena em rota de convergência: lives, processos e futuro*”. Os pesquisadores nos mostram o funcionamento da educação escolar indígena durante o início da pandemia apresentando várias

realidades, muitas não conhecidas, e verificando como está sendo usada as tecnologias nas aldeias, e como as mulheres como as professoras se reinventaram, e se mantiveram presentes nesse novo ensino remoto.



Figuras 5.
Atividades
escolares ativas.

⁴ Este ensinamento vem de diversas ações desenvolvidas coletivamente na aldeia Caatinguinha em que o pajé Vicente Xakriabá “[...] encarou sua missão em uma época de muitas ameaças, de parentes que iam às cidades vizinhas e não voltavam. Mas aprendeu a se proteger nas matas, entre animais e mulheres guerreiras” (Fonte: <https://projetocolabora.com.br/ods1/xakriaba-sem-rio-e-sem-chuva/?fbclid=IwAR1qf3iZvRPDkvJp811eJUNEvreNmAqU-HSKiHXpFYpOiDD64r-qdvfbVI>) O pajé Vicente junto com sua família ficaram na aldeia Caatinguinha em que os costumes Xakriabá são muito fortes e fica no meio da mata. Eles conservaram seus costumes e crenças.

“As mulheres
Xakriabá e a
natureza estão
conectadas,
ser **mulher** é
ser natureza

Falando em tecnologia me chamou a atenção este texto, porque foi através de uma análise de *lives* produzidas por professores indígenas que foi realizado esse artigo. Então foi importante para mim e para minha pesquisa, porque eu pretendia pesquisar sobre o papel das mulheres indígena e percebe que era importante falar sobre esse lugar digital ocupado pelo por mulheres indígenas, entende que as *lives* serviram como instrumentos de resistência. Foi com este artigo que consegue concretizar meu tema em algo mais pontual e que percebe da importância que tinha de falar sobre isto, considerando as condições políticas de nosso país. De início percebe que não daria conta de revisar e analisar todas as *lives* em que teve participação de mulheres indígenas, então fiz mais um recorte junto com a minha orientadora e nos concentraríamos em mulheres Xakriabá, em especial nas falas de Célia Xakriabá, que durante a pandemia se tornou uma voz ativa em *lives* na luta pela sobrevivência do nosso povo. E, então com algumas das *lives* em que participa Célia Xakriabá é que estou realizando esta pesquisa.

Se observarmos, a presença feminina indígena no contexto digital, de um certo tempo para aqui, vem aumentando, ainda que as mulheres indígenas sempre tiveram papéis fundamentais e

participação ativa nas atividades das aldeias como falam Teixeira e Gomes (2019). As mulheres representam muito mais que um gênero feminino, representam comunidade, um tronco familiar, organizadoras das comunidades, com as posições femininas hoje vemos que está muito mais avançada, e que é mais comum ver mulheres indígenas nas organizações comunitárias do que a presença masculina. Certo que não devemos impor limites, nem para o gênero feminino e nem masculino, devemos igualar os papéis, pois viemos de uma geração que mulheres tinha o seu lugar, e que a partir dos anos, cada vez mulheres vem conquistando seu espaço, e mostrando que lugar de mulher é onde ela quiser. Assim como na minha pesquisa, é de se observar que a mistura de gênero feminino e masculino tem muito avançado, assim como nesses movimentos indígenas, aonde a presença feminina tem se destacado, lutando em prol da sua comunidade, lutando para assegurar seus direitos.

Por outro lado, nessa pesquisa feita pelo livro de matrícula das escolas Xakriabá por Teixeira e Gomes (2019) observamos que nos anos iniciais o número matrícula de alunos era mais de meninos, e já nos anos finais, o número de matrícula de meninas

praticamente dobraram, apontam a predominância feminina na Educação Infantil e masculina no Ensino Médio.

Outra leitura interessante que fiz, foi sobre feminismo indígena em outros povos para perceber como estavam sendo enunciadas as ações das mulheres de outros povos. Um dos textos que li foi um dossiê de Julieta Paredes Carvajal sobre comunidades de mulheres criando comunidades. A autora fala sobre a necessidade de continuar lutando, pois ainda as mulheres continuam sendo maltratadas

Como Feministas Comunitárias, seguimos com o punho esquerdo levantado porque o sistema não foi derrotado, porque este sistema continua maltratando nossos corpos e os corpos de nossos irmãos e a natureza. Este sistema de opressões se recicla permanentemente desde que foi construído. Não é um sistema natural, foi historicamente criado e também terminará historicamente pela ação revolucionária dos povos. Por isso não baixamos o punho esquerdo e essa segue sendo a forma como nos comunicaremos entre aqueles que acreditam que a Utopia é possível – luta que segue caminhando entre a paixão pela utopia e a teimosia de nossas lutas para consegui-la. (CARVAJAL, 2014, p.1).

Depois de ter lido estas pesquisas e artigos eu percebi ainda mais que era necessário falar sobre as vozes das mulheres Xakriabá. Além do mais, vendo múltiplas participações e os avanços apresentados nas pesquisas pude refletir sobre as violências que as mulheres indígenas sofrem, com isto, eu pensei: por que não falar também das mulheres Xakriabá? Isto por que entendo que “*nós mulheres sempre estivemos nas lutas de nossos povos, mas não querem que sejamos vistas*” (CARVAJAL, 2014, p.1). A participação das mulheres indígenas existe desde as nossas ancestrais, porque luta não é só sair para conquistar algo, a luta da mulher indígena é constante, seja para tentar sustentar a família, lutando para conseguir alimento, para criar seus filhos - nesses tempos difíceis-, mulheres produzindo seus próprios alimentos e, também produzindo materiais para ter sua renda, sempre no coletivo. Por exemplo, para nós Xakriabá, tem várias mulheres que produzem artesanatos, peças de cerâmicas, colares, entre várias outras formas de sobreviver. Nas palavras de Célia Xakriabá:

Existem algumas mulheres indígenas que se colocam no lugar de feminista, mas eu digo que não dá para ser feminista sozinha, no individual. Para mim, a luta vem do coletivo.

Então, a luta das mulheres indígenas surge antes do movimento feminista. Eu não me considero nesse lugar porque, para mim, mais importante do que o conceito, da vertente, é a luta coletiva, que parte do chão, do território. Fico refletindo sobre isso porque quando a gente pergunta para as mulheres mais velhas, parteiras e benzedeiras, elas não se sentem nesse lugar do conceito. Porque não é uma coisa que nasce de dentro. E eu acredito muito nas coisas que nascem de dentro porque existe muita guerra dos conceitos. (NUNES, 2020)⁵.

Assim, esta pesquisa tem como **tema de pesquisa** “*Entre as telas e a terra: o papel da mulher indígena Xakriabá em tempos de pandemia*” em coerência a **pergunta de pesquisa** que me orienta é: *quais têm sido os papéis das mulheres indígenas Xakriabá no território em tempo de pandemia e sua ressonância no contexto digital das lives como uma ferramenta de luta?* Sendo que o nosso **objetivo** é analisar *o papel da mulher indígena*

Xakriabá no território em tempo de pandemia e sua ressonância no contexto digital das lives como uma ferramenta de luta.

⁵ Fala de entrevista a Célia Xakriabá por Martina Medina disponível em:
<https://yam.com.vc/sabedoria/791662/celia-xakriaba-curando-a-terra-curamos-a-nos-mesmos>

“Não dá
pra ser
feminista no
individual

CAPÍTULO 2

Revivendo minha história

Meu nome é Luana leite pinheiro Bizerra (ver figura 6), tenho 24 anos, nasci e cresci na terra indígena Xakriabá, que está situada no município de São João das Missões e Itacarambi, na região do norte de Minas Gerais. Esse território faz divisa com os municípios de Januária, Itacarambi, Miravânia e Manga. Somos aproximadamente 12 mil indígenas, divididos entre 42 aldeias e sub-aldeias. Vivemos em um território de 53,213 mil hectares de terra e ainda estamos em luta para ampliação de aproximadamente mais 46 mil hectares que nos dará o acesso até

o rio São Francisco. A primeira parte de nosso território foi demarcada no ano de 1979, e homologada no ano de 1988. Para garantir o direito de nossa terra homologada, houve muitas lutas e perdas marcantes para os Xakriabá. Um dos grandes acontecimentos que ocorreu no território foi a grande chacina que aconteceu dia 12/02/1987 com o líder Rosalino Gomes de Oliveira e mais dois indígenas Xakriabá. Foi a partir destas perdas marcantes para nosso povo que as autoridades competentes reconheceram e homologaram a terra indígena Xakriabá.



Figura 6. Minha
fotografia

Das 42 aldeias e sub-aldeias, nasci na aldeia Sumaré II, morei alguns anos na aldeia vargens, e agora moro na aldeia Sumaré 1. Sou filha de Benicio da Silva Pinheiro e Vilma Gama Leite. Sou casada com Adilson Gonçalves Bizerra, tenho um filho de 3 anos, Moisés Gonçalves Pinheiro.

Eu morava na aldeia Sumaré 2, aldeia em que meus pais moram. Desde que eu tinha uns 6 meses de nascida, eu fui morar com a minha bisavó, a qual eu chamava de mãe, ela cuidou de mim e de mais uma neta dela, minha tia Luciana. Minha mãe teve 7 filhos. Minha avó teve só filhas mulheres (teve 1 filho homem, faleceu), então sempre fomos rodeadas de mulheres lutando para sobreviver, naquele tempo não tinha nenhum serviço, era somente retirado o sustento da roça. Minhas tias sempre trabalhavam em roças, desde pequena eu tive essas imagens delas, a minha Bisavó nunca deixou faltar nada de alimento para nós, ela sempre ajudava no que podia. Minha mãe era alcoólatra, meu pai sempre foi ausente, porque era casado com outra mulher, então sempre os filhos mais velhos iam cuidando dos mais novos. Depois que minha bisavó faleceu eu estava com 11 anos, fui morar com a minha tia Luciana. Essas imagens de mulheres trabalhadoras, um papel de grande importância no meu ciclo familiar, veio desde quando eu era criança. Foi daí que veio a minha vontade de pesquisar, relatar e entender o papel da mulher indígena Xakriabá, em luta por nossos direitos.

Depois que eu me casei, terminei o ensino médio, eu e meu marido não tinha um serviço, então foi um pouco difícil no começo, mas logo fomos procurar nossas lideranças pedindo uma oportunidade, e logo que surgiu uma vaga eles colocaram meu marido.

Logo em seguida eu engravidiei, uma gravidez tranquila, foi em 2017, era uma criança muito esperada por mim e meu marido, era menino. No final da gravidez, com 8 meses, aconteceu a pior coisa que poderia acontecer, perdi o meu bebê, ficamos sem chão, porque desde o começo foi uma gravidez saudável, sem nenhum risco, e no final aconteceu isso. Mas sempre tive o apoio da minha família, das minhas tias, irmãs, mãe e sogra.

No ano seguinte de 2018, o serviço de professor, que era do meu marido passou para mim, então comecei a trabalhar, e engravidiei novamente, sempre pedindo a Deus para guardar essa criança que crescia em meu ventre, e com muito medo também, pois ser professor vai além da sala de aula, é um trabalho em comunidade, participações de reuniões, festejos, e como eu já tinha perdido meu primeiro filho, eu estava tendo muita cautela em questões de certas atividades.

Mesmo assim, fiz o vestibular na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais no curso de Formação Intercultural para Professores Indígenas (FIEI), e no final da gravidez recebi a notícia que tinha passado, fiquei muito feliz, pois fazer esse curso em licenciatura foi o que eu sempre quis, agradeci muito a Deus por esta oportunidade. Tenho uma tia e uma irmã e a maioria dos meus professores fizeram o FIEI, então sempre foi um sonho para mim passar, eles foram uma inspiração para mim.

Foi aí que cai na real também da minha gravidez, que eu teria de ir ao final da gestação, o medo tomou de conta, pois eu teria que ficar de repouso, já que no período que eu estava foi bem na mesma semana que perdi meu outro bebê. Conversei com minha família, e todos me aconselharam em pedir ajuda a alguém que já passou por esta situação, e que poderia me ajudar, então conversei com as professoras do curso, as quais me orientaram que naquele primeiro semestre eu não precisava ir, foi um alívio, porque assim eu ia passar o final da gestação tranquila e em casa, com todos os cuidados possíveis.

E eu tive meu bebê, muito saudável para honra e glória do meu bom Deus, peguei licença também da escola, tive meus 6 meses de cuidados para mim e meu filho.

Quando chegou o tempo de eu ir de novo para Belo Horizonte, foi muito difícil, pois, agora não era só eu e meu esposo, tinha meu filho, tinha meu trabalho, e muitas das vezes, na comunidade também temos nossos afazeres, então sair 1 mês da nossa aldeia, tínhamos de avisar às lideranças, de procurar alguém para ficar no nosso lugar trabalhando, e o mais difícil, como que eu iria fazer com o meu filho, que só mamava peito. Decisão muito difícil, será se levo, será se deixo, uns falaram melhor deixar, outros falavam que ele iria adoecer, imagina eu, como fiquei, quem iria adoecer era eu, e a gente como mãe, sofre muito mais, porque além de deixar tínhamos de desmamar a criança um mês antes, para se acostumar.

Então é muito importante a gente discutir, analisar o papel da mulher indígena Xakriabá como mãe, como estudante, e como trabalhadora, esse papel muitas das vezes fica como normal, mas esse ‘normal’ se não fosse feito por mulheres eles não seriam realizado, da forma certa que é feito.

Então para mim é uma grande importância está desenvolvendo esse trabalho, porque aqui na nossa comunidade Xakriabá é muito visível esse núcleo familiar de mulheres trabalhadeira, de mulheres que fazem papel de pai e mãe, e de mulher que faz frente nas lutas pelo direito do nosso povo, porque além das mulheres ter essa grande responsabilidade com a família, também tem uma grande responsabilidade em comunidade, seja buscando nossos direitos, seja nas nossas tradições e costumes.

A presença feminina atualmente está tendo uma grande visibilidade principalmente nas telas, onde não podemos estar presentes fisicamente estamos presentes em frente das telas.

Uma grande inspiração para todas nós mulheres é a Célia Xakriabá e Flávia Xakriabá, elas estão na linha de frente correndo atrás para manter e assegurar nossos direitos, tentando manter o que temos. Porque nesse governo atual estão a qualquer momento prestes a tirar nossos direitos, então nesse tempo de pandemia principalmente elas se reinventaram, modificaram e adaptaram várias formas para não perder as agendas que são muitas.

Melhor parte da minha vida foi na trajetória escolar, período que antes mesmo de ter a idade para ir para escola, já aprendi a escrever meu nome, eu adorava ir para a escola ver os meus amigos estudando, como a escola era próximo da minha casa, eu sempre ia lá, eu me sentava em um cantinho, ficava olhando a professora Iracema explicar de uma forma tão linda, que eu não via a hora de chegar a minha vez.

Quando tinha 7 anos de idade, entrei na escola, eu amava ler livros, queria sempre ganhar a nota mais alta da escola, e brigava muito também, mas sempre fui muito interessada em estudar, quando eu chegava em casa, chamava meus amiguinhos, irmãos e ia brincar de ser professora, aquela imagem da minha primeira professora tenho até hoje, um jeito mágico de ensinar, que eu aprendi muito rápido. Quando fui passando de série as coisas foram ficando mais difíceis, fui precisando mais de atenção, porém sempre fui dedicada, nunca reprovei. Quando eu cheguei na quinta série, minha avó faleceu, tive de ir morar com minha tia em outra aldeia chamada Vargem, quando cheguei lá, foi difícil adaptar, professor, e colegas de sala, tudo novo, mas como eu sempre enturmei fácil, logo comecei a gostar dali também. E tudo mudou, mais responsabilidade, agora não era só

escola, tinha afazeres de casa, porque como minha tia também era professora, e tinha 2 criança pequena, eu tinha que ajudar ela, a cuidar da casa e das crianças, e quando chegava a época da minha tia ir pra Belo Horizonte estudar (ela fazia faculdade também no FIEI) era mais complicado, porque eu tinha que cuidar de tudo, tinha o marido dela, mas ele cuidava das coisas de fora, dos animais, da roça, e a casa ele ajudava também.

Logo eu formei o ensino fundamental, e eu tinha que estudar o ensino médio em outra aldeia, na aldeia Sumaré 1, às vezes eu vinha a pé, outros dias que minha tia trabalhava eu vinha com ela, e quando tinha ônibus eu vinha de ônibus, foi um período difícil, principalmente no tempo de chuva, o ônibus não vinha, aí nós víhamos a pé, eu e minhas amigas. Mais nesse tempo eu já tinha outra mente, já era moça, algumas coisas começaram a me atrapalhar os estudos, os namoradinhos, mas sempre eu tinha uma visão muito mais além, sempre quis formar, fazer faculdade, por mais que as coisas sempre foi difícil para mim e minha família, nunca desisti de estudar, minha avó sempre dizia que o conhecimento que adquirimos, ninguém pode nos tirar, sempre falava que pra querer ser alguém melhor na vida, o melhor caminho era estudando.

CAPÍTULO 3

Uma mulher Xakriabá envolvida na pesquisa

Passar em uma faculdade pública é o sonho de todo mundo, principalmente para os indígenas, porque para nós significa territorializar espaço em outro território, que é o espaço acadêmico, assim como exercer os direitos pelos quais nossos ancestrais lutaram e com este acesso à universidade “*temos uma tarefa desafiadora pois não basta apenas reconhecer os conhecimentos tradicionais, é necessário também reconhecer os conhecedores*” (NUNES, 2018, p.19).

Quando chegou o dia de ir para Belo Horizonte pela primeira vez, foi muita preocupação, porque a gente sendo mulher é muito mais difícil de ir, temos de ir adaptando antes as coisas em casa para deixarmos e levarmos. Chegando na universidade começamos a pensar: *como que nós alunos indígenas vamos nos adaptar a aquele formato de ensino onde as práticas educativas já chegamos e achamos prontos?* Porém, eu encontrei que o FIEI possui uma forma diferente de ensinar

promovendo a interculturalidades dos saberes, aquele espaço onde vários outros indígenas já passaram, já está bem indigenizado, graças aos que já lutaram passando por ali.

Este aspecto se torna fundamental, porque a nossa presença na universidade tem um pé na aldeia sempre, nosso corpo luta quando começa a participar das atividades e ações que são desenvolvidas nesse espaço, e uma delas é a pesquisa. A nossa cabeça vem vários temas vinculados à vida nas aldeias e às lutas de nossos povos, então o primeiro que começamos a fazer é escolher um tema que nos permita pensar nosso território desde a academia, transformar a academia e a universidade em espaço de resistência indígena, ou melhor, *indigenizar a academia*, retomando o chamado de Célia Xakriabá de *indigenizar a universidade* pois,

Embora desafio vivenciado ao longo da década de 1960/70 para garantir o acesso à

terra e nos firmar no território ainda continue, hoje o desafio é também demarcar espaço em outro território, o território acadêmico, com o desafio de indigenizá-lo, transformando as suas práticas educativas. Assim como ocorre majoritariamente na produção acadêmica, as produções dos materiais didáticos que chegam para nossas escolas estão sempre privilegiando a teoria produzida no centro. É como se a cultura do outro fosse mais forte, há um desbotamento e uma desvalorização grande dos estudantes indígenas no meio acadêmico. Alguns estudantes vão para a universidade e não são considerados produtores, autores e interlocutores do conhecimento nesse meio. Mas é preciso haver um processo reverso, que é o que chamo de indigenização. Por que não indigenizar o outro? Por que não quilombolas, campesina o outro? Isso seria exercer o que se propõe a partir do conceito de interculturalidade. (NUNES, 2018, p. 19).

Desses processos interculturais que acontecem na universidade eu entendo que nascem novos territórios de pesquisa, novas concepções de pesquisa, e então essa palavra adquire novos significados e práticas de investigação próprias dos territórios indígenas são exercidas na universidade, pesquisadores não indígenas e pesquisadores indígenas dialogam,

assim com seus saberes. Esses diálogos tensionam verdades instituídas, por exemplo sobre a matemática, em que não só o povo Xakriabá se torna referência para outros povos indígenas, mas também para a comunidade acadêmica universitária.

Além do mais, nos enfrentamos com o desafio de colocar esse tema no papel, o desafio da escrita acadêmica que, ao final, termina sendo ressignificada por nós, por diferentes vias.

No processo de escolha do tema, começamos do lugar que ocupamos nas nossas aldeias, seja professores, lideranças, mães, mulheres, professores, professoras... e, desde esse lugar de fala o tema nos envolve, faz parte de nós - nós aldeia- e ele tem de nos agradar de modo que consigamos nos sentir envolvidos. Nesse processo, estamos o tempo todo nos lembrando de que estamos ocupando a academia, a universidade, criando territorialidades em que as nossas lutas por ocupar espaços públicos se efetivam. Nessa ocupação, territorialização da universidade, também temos de trazer um retorno para nossas aldeias, de modo que a nossa pesquisa/corpo/resistência (NUNES, 2018) tem de contribuir para a nossa comunidade, trazendo um retorno para quem confiou e lutou para que fosse possível estarmos lá.

Para a aldeia é mais uma vitória e luta vencida, porque sempre que um formando volta para a comunidade, dando aquele retorno de trabalho, com aquele ar de que consegui vencer, e trazer aqui um resultado de pesquisa e saem novas ideias. Nesse movimento em que indígenas estamos com um pé na universidade e outro na aldeia se constroem às metodologias usadas, é uma grande alegria para todos. Já que com a pesquisa construída no fazer da aldeia damos também visibilidade par as lutas, para as adaptações que as mulheres são capazes de fazer, para não deixar a boiada passar.

Assim, entre a aldeia e a universidade eu percebe como as telas estavam sendo ocupadas pelas mulheres indígenas resistindo às políticas do governo atual, que a qualquer momento com uma caneta mal assinada, pode tirar nossos direitos. Então ocupar nossos espaços seja mulher, os jovens, e toda a comunidade juntas, é mais que necessário e importante, é saber aprender a usar a caneta a nosso favor, e trazer esse retorno, é como colocar o pé no mundo, sem tirar o outro de onde saiu, é conhecer as folhas do mundo, e nunca esquecer as raízes de onde vem. Porque só é possível a gente conhecer as várias ciências do mundo sem se deixar contaminar, se nossos pés e mente

estiverem firmes aqui no território. E ser mulher na universidade é assim, é ir e deixar um pedaço maior de nós aqui, tanto nossos familiares, e a aldeia, que nos esperam ansiosos para ver aquele retorno de agradecimento pela oportunidade de estar lá estudando e conhecendo para estarmos mais fortes ainda para lutar, para conseguir manter os nossos direitos.

Nesse processo, eu sempre fui levada a pesquisa com mulheres da minha aldeia, porque passei a minha infância vendo a luta das mulheres Xakriabá, elas se desdobrando e reinventando para desenvolver trabalhos a favor da existência/sobrevivência de nosso povo, alguns desses trabalhos feitos em casa e muitos outros na comunidade, trabalhos coletivos

Com esta inquietação pelo papel da mulher nas lutas pela sobrevivência Xakriabá, no começo eu pensei em falar sobre o “alcoolismo”, tentar entender por que as pessoas, principalmente as mulheres, estão sendo dominadas pelo álcool. Assim, nos primeiros encontros de diálogo com a minha orientadora eu passei a enxergar que ainda que esta temática é muito importante, e pode ser foco de estudo de outras pesquisas, eu estava muito mais interessada em resgatar as vozes das mulheres Xakriabá que,

tem cumprido papéis fundamentais na luta contra o colonialismo, essas guerreiras são sobreviventes, e muitas delas têm enfrentado à violência, também, dentro das suas aldeias.

Eu percebe que precisava falar, contar sobre os modos em que algumas dessas mulheres tem contribuído com a luta pela sobrevivência do povo Xakriabá, vi que eu poderia focar em mostrar os vários pontos fortes das mulheres da minha comunidade, essas lutas diárias que as mulheres enfrentam com tanta garra e determinação, aliás ser uma mulher indígena não é fácil, enfrentamos muitos desafios, somos responsáveis não só pelo bem familiar, mas também participamos de forma ativa lutando pelos nossos direitos.

Eu devo confessar que ser mulher indígena pesquisadora no meio a vida em pandemia tem sido um grande desafio, não só pelas condições de acesso precário à internet, senão também, porque na perspectiva da pesquisa Xakriabá não se pode fazer pesquisa sentado num escritório, você precisa dos encontros, da conversa com os sabedores, e, desde o início enfrentamos dito desafio. Além do mais, ainda que desde o começo da orientação da pesquisa eu já tinha a minha orientadora, só nos conhecemos

por meio da *tela*, eu não tive a oportunidade de conhecê-la pessoalmente, todos os encontros que realizamos foram virtuais, conversas, caminhos, sugestões de leituras e muitas trocas de mensagem pelo WhatsApp.

Nos primeiros encontros, conversamos muito sobre o tema que eu queria pesquisar, e foi por meio dessa conversa de vários encontros que eu explicava mais e mais sobre o tema que eu queria, que fomos construindo o tema, ela me dava várias sugestões, leituras de artigos escritos por outros pesquisadores indígenas e fomos adaptando o tema, como diz minha professora Vanessa: “*o tema pode mudar faltando dias para a defesa final do trabalho*”. Ao mesmo tempo, fomos pensando na pergunta e objetivo, fizemos um quadro da pesquisa, nele eu fui registrando tudo, cada pensar, cada encontro com a orientadora, cada orientação, fomos construindo um diálogo ali dentro do quadro da pesquisa, porque em cada artigo lido, novas ideias surgiam, então esse quadro foi de suma importância, para me ajudar a não perder, e nesse quadro fui colocando os temas, porque o tema foi pensado em cada encontro, em cada conversa, foi sendo construído pouco a pouco, e em cada diálogo foi bem construtivo para a pesquisa, fomos tendo já um objetivo de pesquisa, as

justificativas e metodologias, e tudo isso íamos adicionando ao quadro da pesquisa, que era dividido da seguinte forma: data, título da pesquisa, tema da pesquisa, objetivo da pesquisa e justificativa da pesquisa.

Foi daí que, através das sugestões e do diálogo com a minha orientadora Carolina, finalmente, que eu pensei falar sobre nossas mulheres Xakriabás. Mostrar qual é o papel da mulher indígena Xakriabá na aldeia e na *tela* em tempos de pandemia, considerei a luta nas telas pois nesse período de pandemia nossa comunidade assumiu esse espaço virtual como uma ferramenta mais de luta.

Tendo definido o tema, Carolina me sugiro algumas leituras e eu comecei a pensar muito sobre como eu iria colocar no papel a minha pesquisa, e a pesquisa de Terena e Miranda (2020) me permitiu perceber que era importante retomar as *lives* e as resistências que estavam acontecendo também no território.

Então, ainda em conversa com minha orientadora, nós conversamos sobre várias mulheres que estão à frente das lutas em defesa dos nossos direitos, tem várias, e entre elas escolhi falar com Célia Xakriabá que é um grande exemplo para todos nós, desde mais jovem sempre em frente lutando para assegurar

nossos direitos, e é uma referência para nós. Escolhi falar também com Flávia Xakriabá que anda lado a lado com Célia, ela também é referência jovem do nosso povo.

Célia Xakriabá - Nascida no dia 10 de maio de 1989 frequentou a Escola Estadual Indígena Xukurank, estudou na instituição de Ensino UFMG/ FIEI, É mestra em desenvolvimento sustentável na instituição de Ensino UnB- Universidade de Brasília, estuda Doutorado em Antropologia em UFMG- Universidade Federal de Minas Gerais, primeira Xakriabá a fazer mestrado e produzir uma dissertação, professora e ativista indígena do povo Xakriabá, primeira mulher indígena a participar da equipe do órgão da Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais. Célia possui um forte Espírito de Liderança no seu posicionamento a favor da restauração do sistema educacional no apoio às mulheres indígenas e a juventude dentro do povo Xakriabá, além de lutar pelo reconhecimento das fronteiras geográfica com o intuito de preservar o território pertencente a sua comunidade, sendo considerada uma figura relevante na causa de resistência dos povos nativos brasileiros.

Flavia Xakriabá, residente na terra indígena Xakriabá, aldeia Barreiro Preto, referência jovem do seu povo. Formada em agroecologia e audiovisual, estudante de jornalismo pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Atua na área de comunicação dentro do movimento indígena nacional, e é uma das coordenadoras da Rádio Xakriabá. Atualmente colabora também com a mídia Índia e assessora redes sociais de lideranças do movimento indígena brasileiro.

Então a professora pediu que eu entrasse em contato com elas, perguntando se elas aceitavam participar de minha pesquisa, e que eu conversasse com a liderança da minha aldeia, falando sobre o meu projeto de pesquisa, e conversando sobre o tema. Assim eu fiz, e elas aceitaram, e logo marquei um encontro para falar do que se tratava meu tema de percurso. A liderança também gostou do meu tema, me deu um incentivo, para continuar estudando, buscando sempre mais.

No dia 02-03-2021 fui conversar com Célia Xakriabá, apresentei o meu tema, conversamos sobre ele, perguntei o que ela achava e se tinha alguma ideia para me falar. Ela achou muito bom, e me deu sugestões, me enviou uns arquivos dela para eu

poder ler, como ela já fez mestrado me deu dicas, de sempre está escrevendo, em tempos vagos, lendo alguns arquivos, e me incentivou bastante. Então retornei para casa com a mente fresca, e já conversando com a Flávia também o mesmo assunto, Flávia também me deu várias dicas, e me ajudou a conversar com Célia, porque Célia é muito ocupada com a sua agenda, e é mais fácil eu falar com Flávia que é a assessora de Célia.

Célia me deu uma sugestão para acrescentar no meu tema, falou que como estamos em pandemia, é um bom momento para falarmos sobre as telas, que se tornou uma ferramenta de luta para o nosso povo, e ela acrescentou “ENTRE AS TELAS E A TERRA: O PAPEL DA MULHER INDIGENA EM TEMPO DE PANDEMIA”, sugestão que mantivemos até o fim desta pesquisa. Ela explicou o porquê de ‘entre as telas e a terra’, e falando sobre as agendas dela na terra, e nas telas. Gostei muito da sugestão, e logo fui conversar com a minha orientadora, dando um retorno para ela, falando como foi a minha conversa com Célia Xakriabá. Ela também gostou da sugestão, e aderimos esse acréscimo no tema.

Em encontro com minha orientadora, ela me passou um Word, com o quadro da pesquisa. Nesse quadro da pesquisa ela me pediu para inserir meu tema, escrever minha justificativa, objetivo e minha metodologia. A minha professora também pediu para eu procurar as pesquisas que já trabalharam no FIEI com a temática de mulheres indígenas, e outras pesquisas na internet que abordassem narrativas de mulheres indígenas, fazendo com elas um fichamento. Eu pesquisei na internet, achei uns trabalhos relacionado ao que a professora me pediu coloquei na tabela da pesquisa, colocando metodologia, justificativa, tema, povo e ano que foi realizada a pesquisa.

Depois eu comecei a fazer uma nova tabela juntando todas as *lives* de Célia Xakriabá, de 2020 até julho de 2021. Guardei as *lives* e percebe que eram muitas na hora que a tabela crescia foi por isto que fizemos o recorte até julho de 2021. Assim que eu terminei de organizar o material de pesquisa a professora me pediu assistir as *lives* e classificar. Foi assim que foram construídos os arquivos da pesquisa. Assim, eu separei as *lives* de Célia Xakriabá por tema. Esta separação foi feita considerando as seguintes categorias: *lives* sobre a mulher indígena no meio da vida em pandemia, *lives* sobre educação em tempo de pandemia,

as *lives* que falavam sobre território em tempo de pandemia e *lives* em que se vinculava mulheres, educação e território. A seguir apresento a tabela 1 das *lives* que se tornaram foco de estudo para esta pesquisa:

TABELA 1. ARQUIVOS DA PESQUISA. LIVES COM PARTICIPAÇÃO DE CELIA XACRIABÁ.

Código	Data da live	Nome da live	Link em que está disponível
02_05092020	05/09/2020	#cura da terra	https://youtu.be/IBgYoaiqac
03_21092020	21/09/2020	Mundos indígenas: recado de Célia Xakriabá	https://youtu.be/gh8uHCgsj3o
04_26062020	26/06/2020	Resistência Xakriabá - Em Tempos de Enfermidade Outras Epistemologias de Cura (Part. Célia Xakriabá)	https://youtu.be/7eCSTPo6QSw
05_12062020	12/06/2020	Arte e inovação em tempos de pandemia- professor Msc Célia Xakriabá	https://youtu.be/U5qZTKYcu_o
06_04052020	04/05/2020	Terra indígena Xakriabá: fome seca e resistência	https://youtu.be/3IXztrlHXUM
08_08092020	08/09/2020	Mulheres de Pindorama, mulheres do Brasil- live com Heloisa Villela e Celia Xakriabá	https://youtu.be/gajrmnoiYi8
08_04072020	04/07/2020	Carina Oliveira entrevista Célia Xariabá	https://youtu.be/0pt2K5RwdSM
09_03052020	03/05/2020	Célia Xakriabá entrevista parentes sobre a atual situação dos povos indígenas frente ao Covid-19	https://youtu.be/q32B-NfxDEg

10_01092020	01/09/2020	Célia Xakriabá é liderança indígena, defensora da cultura e dos direitos dos povos	https://youtu.be/v9W3zRblEMw
12_15102020	15/10/2020	Dias dos professores é dia de Luta	https://www.instagram.com/tv/CGX-d3nsez/?utm_source=ig_web_button_share_sheet
13_22102020	22/10/2020	Marco temporal (convite)	https://www.instagram.com/tv/CGpaDmbnF9p/?utm_source=ig_web_button_share_sheet
14_23102020	23/10/2020	Marco temporal	https://www.instagram.com/tv/CGsc2jDH7hl/?utm_source=ig_web_button_share_sheet
16_28042020	28/04/2020	Uma alerta das mulheres indígenas frente a Pandemia COVID_19.	https://www.instagram.com/tv/B-R8EGYnLkG/?utm_source=ig_web_button_share_sheet
17_05092020	05/09/2020	“Como se calar diante de um ataque, diante de um genocídio? Que a terra grita, que as MULHERES gritam, mesmo quando estamos em silêncio.	https://www.instagram.com/tv/CEwnnhcHRM3/?utm_source=ig_web_button_share_sheet
20_28042021	28/04/2021	CÉLIA XAKRIABÁ- NÃO AO PL 510 DA GRILAGEM	https://www.instagram.com/tv/CONnES9nsnj/?utm_source=ig_web_copy_link
21_20042021	20/04/2021	DESCOLONIZAÇÃO ABRIL INDIGENA	https://www.instagram.com/tv/CN5Zm5NHdNw/?utm_source=ig_web_button_share_sheet
22_22032021	22/03/2021	Celia Xakriabá, Xakriabá (Brasil), sobre educación indígena.	https://youtu.be/rLqIy1Sv-2Q
24_22042021	22/04/2021	GENOCÍDIO ACIRRADO	https://youtu.be/gS8P7cIu6Hg
25_22062021	22/06/2021	Repressão policial contra indígenas em Brasília	https://www.instagram.com/tv/CQbY1DcnLTo/?utm_source=ig_web_button_share_sheet
29_16072021	16/07/2021	Schule ist mehr als ein System, in dem Lehrer*innen angestellt sind."	https://www.instagram.com/tv/CRWpB-5izha/?utm_source=ig_web_button_share_sheet

Fonte: Elaboração própria.

“ **Pesquisa Xakriabá não se pode fazer pesquisa sentado num escritório, você precisa dos encontros**

Assim que definimos os arquivos de partida da pesquisa eu assistir todas as *lives*, e fui pegando pequenos fragmentos das falas de Célia. Para mim foi difícil selecionar os fragmentos de fala da Célia, porque todas as falas eram por mim sentidas como importantes, cada palavra que ela fala é de grande significado e sabedoria, fui pegando umas pequenas frases e colocando na planilha, que a orientadora me ajudou a usar, então assim ficou mais fácil. Na medida em que fui fazendo este processo eu já fui escrevendo pensamentos e dialogando com as falas dela, pensando no meu objetivo.

Durante o processo da pesquisa eu tive dificuldade de me encontrar com Flávia, as condições pandêmicas e as agendas, foi assim como pensei em outras ações que foram desenvolvidas na pandemia por mulheres na minha aldeia e convidei para conversar a dona Ana. Dona Ana é um grande exemplo para a comunidade e principalmente para mim, pois me lembra a minha avó, que também era muito trabalhadeira e perdeu seu marido cedo, e teve que sustentar seus filhos, trabalhando na roça. Então dona Ana uma mulher já de idade, porem que é conhecida por ser uma mulher trabalhadeira, pois uma mulher de 79 anos, teve 8 filhos e nunca ficou um ano sem plantar uma roça, e todos os dias ela

acorda cedo e vai para roça com muita garra, é um incentivo para nós jovens, pois mesmo com os tempos difíceis que vivemos ela não perde a fé que dias melhores virão, mesmo muitos dizendo que o ano será fraco de chuva, e desistem de plantar, pois ela mesmo assim prepara a roça, limpa, planta e tem uma boa colheita.

Depois de muito tempo iniciada a pesquisa eu percebe que era muito bom e importante fazê-la, porque justamente nesse tempo de pandemia, as mulheres se reinventaram, criaram várias formas de não deixar a boiada passar, porque esse governo, aproveitou desse momento triste que estamos vivendo para tirar nossos direitos, para nos matar aos poucos. Então as *lives* e projetos comunitários que contaram com a participação das mulheres Xakriabá mostraram que não estamos parados, que não estamos acomodados, um exemplo é que, no dia 22/06/2021 vários indígenas estavam em Brasília, lutando, tentando assegurar nossos direitos contra o marco temporal. Então esse é o momento certo, para fazer esta pesquisa sobre o papel das mulheres indígenas Xakriabá em tempo de pandemia.

Foram enfrentados alguns desafios um deles é sobre o contato com nossos entrevistados, porque a pesquisa indígena é assim, as nossas metodologias estão ali presentes no meio das atividades, observando e aprendendo, então já que não podemos fazer assim, vamos tomando os cuidados, e não deixando as entrevistas e participações passar.

Outro desafio foi ajustar o tempo da pesquisa com a entrevista com Célia, porque mesmo morando perto, é difícil eu conversar com ela, sempre está viajando, e as agendas delas estão cheias, eu fui me adaptando para poder falar com ela até que encontramos um momento em comum em 02/02/2022

Neste encontro eu levei um roteiro de perguntas que apresento a seguir, ainda que na entrevista algumas perguntas foram respondidas ao mesmo tempo que Célia falava, entende que entrevista era um caminho mais não fiquei prendida a elas:

- 1- Quem é Célia Xakriabá, suas origens sua história de vida, sua família, como Célia se insere no mundo acadêmico, por que e para que?
- 2- De onde surgiu a vontade de ser e viver na luta?
- 3- Você acha que sua mãe e seu pai fazem parte dessa luta?
- 4- Célia, quem é sua inspiração para você nunca desistir de estar à frente da luta?
- 5- Célia você por ser mulher já se sentiu intimidada por estar à frente das lutas?
- 6- Qual é a relação entre as mulheres e a natureza, você fala muito dessa relação da mulher com a natureza, como é essa relação?
- 7- Você hoje se sente realizada com aquele desejo de ser quando era criança?
- 8- Aqui no Xakriabá, o que você acha sobre as participações das mulheres na luta?
- 9- Desde sua concepção qual é o papel das mulheres Xakriabá na sobrevivência cultural?
- 10- No dia a dia da vida nas aldeias de nosso povo será que poderíamos falar que há uma divisão naquilo que seria o papel social do homem Xakriabá e da mulher Xakriabá?
- 11- O que você pensa sobre feminismo indígena?
- 12- Como iniciou sua trajetória na luta?
- 13- Você se considera ser a primeira mulher Xakriabá a ficar à frente da luta do nosso?
- 14- Teve desafios por você ser a primeira Xakriabá a fazer mestrado e produzir uma dissertação?
- 15- Como você percebe o papel dos indígenas nas universidades?
- 16- Qual é a sua percepção do uso de *Instagram* e *Youtube* como mídias para desenvolver as lutas Xakriabá?
- 17- Por que é importante o uso de mídias digitais pelas mulheres Xakriabá como ferramenta de denúncia, luta e resistência?

Com a dona Ana me reuni em 22/11/2021. Ana Gonçalves dos Santos com 79 anos, teve 8 filhos, residente aqui da aldeia Sumaré 1, sempre sustentou a família com o seu trabalho na roça, agora ela já está aposentada, mas continua plantando na roça, não mais por precisão, mas por uma tradição que vem desde os pais dela. Dona Ana uma mulher exemplar de persistência e grande fé. E em conversa com dona Ana levei também um roteiro de perguntas, mas não necessariamente foi uma entrevista, foi um momento de conversa, e as perguntas era só para que eu não esquecesse de nada, a seguir apresento o roteiro de perguntas:

1. Nome completo?
2. Idade?
3. Qual a aldeia que ela mora?
4. Quantos filhos ela teve?
5. Desde quando ela planta roça?
6. De quem ela adquiriu essa aprendizagem?

7. O porquê depois de aposentada, continuou plantando roça?
8. Por que ela sempre vai para a roça sozinha?
9. Além da roça, qual outros serviços ela fazia?
10. Quando o tempo parece não ser bom de chuva, ela desiste de plantar?

Aqui apresento Luciana Alexandre Leite da Cruz, casada com José Batista Ferreira da Cruz, mãe de 3 filhos, nasceu na Aldeia Sumaré 2, mas atualmente mora na Aldeia Vargens. Iniciou sua carreira de professora no ano de 2007 pela prefeitura de São João das Missões. A partir do ano de 2019 trabalha no cargo de diretora da Escola Estadual Indígena Bukinuk, sede Sumaré 1. Luciana é formada na Universidade Federal de Minas Gerais/ FIEI, turma da CVN (ciência da vida e da natureza) fez também a pós em Física, Química e Biologia formada também em Assistente técnico em saúde Bucal.

Aqui apresento as perguntas de uma entrevista que fiz com o meu colega Ednaldo Moreira Silva, com a diretora da Escola Estadual Indígena Bukinuk – Luciana Alexandre Leite da Cruz.

- 1.** Quais foram as maiores dificuldades em aderir a esse novo formato de ensino:
- 2.** Como foi a discussão para chegar ao ponto de entregar a apostila
- 3.** Quais são as formas de prevenção que estão sendo usadas pelos professores no momento das entregas das apostilas?
- 4.** Você como diretora e mãe de aluno acha que os estudantes estão tendo um bom aprendizado nessa nova forma de ensino, devido essas atividades ser relacionada com a nossa cultura?
- 5.** Você como mãe, concordaria com as voltas das aulas presenciais, qual a sua opinião?

CAPÍTULO 3

Diálogos com Célia Xakriabá: as lutas na tela com um pé na aldeia

“os povos indígenas de Minas Gerais amansou a escola ao nosso favor, por isso que eu discuto muito sobre o barro, o jenipapo e o giz, como que nós aprendia antes dessa instituição escola, antes da escola levantada, antes dessa presença institucional da escola, antes da educação escolar indígena, existia a educação indígena” (Celia Xakriabá, Live # 04_26062020, min 22:56 -23:14).

... e uma vida na escola...

Existia uma escola na vida...

“eu comprehendi profundamente o sentido da educação territorializada porque educação territorializada é o caminho da cura para essa outra educação, não é saindo capturando os rituais para dentro da escola, não é sair capturando os nossos mais velhos para dentro da escola, mais a escola deslocar pra roça , a escola deslocar para retomada , a escola deslocar para fazer pintura corporal, para pegar o jenipapo , e não achar o jenipapo pronto para colocar no corpo, estao é esse deslocamento da escola porque para nós antes da escola chegar na comunidade já existia a comunidade, por isso sempre existe uma escola da vida, e uma vida na escola” (Celia Xakriabá, Live # 04_26062020 min 24:04 - 24:41)



Figura 7. Célia Xakriabá. Foto: Edgard Kanayko.

Essa fala de Célia Xakriabá nos lembra muito sobre a educação que era nossa, dada pelos mais velhos, era um ensinamento de como ouvir, respeitar e como tratar.

Quando eu falo sobre o ensinamento de ouvir, me lembro das rodas de conversa a noite, que sentávamos todos para ouvir as histórias, e sobre respeito me lembro que sempre nos chamava a atenção sobre respeitar os mais velhos que a gente, e aí já engajado aprendemos como tratar as pessoas, seja os familiares e as pessoas de fora, tanto que temos um costume de chamar os mais velhos de tia(o).

Então antes de ter um prédio como escola, para poder falar Educação escolar indígena, nós já tínhamos uma educação indígena própria, as nossas práticas tradicionais foram e sempre será nosso modo ensino e aprendizagem tradicional.

Pensar na territorialização da escola diz sobre movimentar os alunos da escola até às nossas práticas tradicionais, o qual é um grande ensinamento, porque é muito mais fácil de aprender colocando a mão na massa do que só explicando ali em um quadro como é que faz, quando Célia fala do *jenipapo*, a gente imagina a interação dos alunos ali na preparação de uma tinta, quantas vezes aqui na aldeia, já vimos um grupo de alunos com os seus professores indo para a lagoa pegar o barro para fazer os

artesanato de barro, e que ficava ali exposto na escola, para os alunos e os pais ou alguém de fora ver os resultados de seus filhos, o resultado daquele deslocamento da escola até a lagoa, ou até o pé de jenipapo e também até os nossos mais velhos, que são nossos livros vivos, é muito comum aqui na comunidade, as pesquisas com os mais velhos, sempre existiu uma escola da vida.

Momento de terra aula

“por isso que nesse momento de imposição de tele-aula nós estamos num momento de terra aula e muito mais do que uma plano de trabalho pra escola, um plano pedagógico nós estamos num plano de vida e que tem muito mais condição de falar de renovar e reinventar esse momento do calendário somos nós porque nós não considera que nós estamos sem fazer nada, nós não considera que as crianças estão sem fazer nada, elas estão vivendo muitas vezes um tempo que foi sequestrado com o tempo da escola, foi uma ruptura também, acaba que perdendo também muito tempo dessa relação com os pais , dessa relação com os mais velhos , é claro que nós temos a educação como uma ferramenta de luta, mas nós lutamos por uma educação do jeito que a gente quer sem matar o que a gente é” (Celia Xakriabá, Live # 04_26062020 min 24:43 - 25- 28).

Falar sobre as relações de antes, o que foi se perdendo com o processo de escolarização dos indígenas, com a escola em quatro paredes, porque em uma escola normal o aprendizado é só ali na escola, tudo escrevendo, mas para nós a educação indígena maior é o aprendizado também ali na aldeia envolvidos nas

práticas culturais, é ali naquele observar dos pais fazendo, é ali ao sentar-se com os avós para somente ouvir. Com as teleaulas e a manutenção das escolas fechadas durante um longo período da pandemia, tivemos a oportunidade de recuperar a participação das crianças e jovens em muitas atividades tradicionais nas quais

eles não participavam por estarem no tempo escolar, por exemplo a pesquisa, como foi um tempo para ficar em casa, então ao invés de pesquisar os livros, sentaram-se as crianças ali com o avô e fazerem pesquisas, aprenderam com os pais e tios, porque para nós indígenas esse é um grande método de aprendizagem.

Mas nos também territorializamos a escola. Na figura 8 ocupamos nossa casa de cultura da aldeia Sumaré 1. A foto registra a formatura dos alunos dos anos iniciais, é uma forma de valorizar a cultura. Em outras escolas estariam usando uniformes,

mas nossos uniformes são as roupas de palha, feitas pelos professores de cultura, e os alunos estão fazendo o ritual, mostrando o que aprenderam, com isso nossos alunos já crescem com um olhar diferente, com um ensinamento diferente, aprendendo a valorizar e viver a nossa cultura, independente do que aprende aí pra fora, ou nas redes sociais, porque estamos vendo que as crianças estão bem informada com as redes sociais, mas se plantamos dentro delas a semente da cultura, e se formos regando, intercalando os ensinamento, para não deixar de ensinar a nossa tradição, nem os ensinamentos ocidental.



Figura 8. Formatura da Educação Infantil, alunos da Escola Estadual Indígena Bukinuk - casa de cultura – 2018. Foto de: Joel Xakriabá.élia Xakriabá. Foto: Edgard Kanayko.

“Quem tem território tem lugar pra onde voltar”

“Mais quem tem território tem lugar para onde voltar, quem tem território tem mãe, tem colo e tem cura, e as mulheres representam como essa cura do século 21 também, e as mulheres indígenas sabe o que é isso porque quando pergunta pra nós se nós estamos com medo nós temos respondido que apenas quem tem cicatrizes profundas sabe o remédio que cura, nós mulheres indígenas temos ainda cicatrizes dos processos ainda do estupro ainda da colonização”.

(Célia Xakriabá, *live # 02_05092020*, min 1:19-1:46)

“porque o território é para além do meio ambiente, o território é a totalidade da nossa vida, porque o corpo é território, mas o território também é corpo, estão as pessoas nesse momento, muito mais do que pensar política, precisamos pensar o reencantamento pela vida e ressentimentar, nós temos o desafio de tentar florestar os corações”

(Célia Xakriabá, *live # 02_05092020*, min 2:02 - 2:22)

“o território é nosso galho, mais também é semente que nos conecta com nossa matriz mais profunda da relação com o sagrado”



Figura 8. Celia Xakriabá. Fonte: https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=1898412843651912&id=100004496437989&sfnsn=wiwspmo

(Célia Xakriabá, *live # 03_21092021*, min: 0:0
- 20 10 min)

“o território é nossa morada coletiva, mas é também nossa morada interior”.

(Célia Xakriabá, *live # 03_21092021*, min 10-15 min)

“o território não é metade do nosso corpo o território é a totalidade é o ser bicho é o ser semente é o ser gente não deixar ser somente”
(Célia Xakriabá, *live # 03_21092021*, min: 27-37min)

Ao escutar estas falas da Célia, eu aprendo muito, porque nos mostra a importância do nosso território, a importância de saímos para buscar conhecimento, mas a maior obrigação é voltar para o nosso território. Faz sentido aquele ditado, “*um pé no mundo, um pé na aldeia*”.

É no território que nos conectamos com o nosso ser, que limpamos nossa alma dos males que nos contagia por este mundo afora, é no território que as nossas forças se renovam, é no território que além de ter o colo da família, temos os colos as

sombrias da natureza, temos os riachos onde limpa a alma, acalma o coração, a natureza é vida. A natureza também é mãe, é filha, é mulher, porque só uma mãe sabe o remédio que cura o seu filho, e esse papel a natureza nos faz muito bem, uma terapia, ela mãe. Só quem chega cansado de dias de luta, sabe valorizar uma hora ali sentado debaixo, e a arvore sabe o que nós buscamos, ouvindo os cantos dos pássaros, a voz do riacho, a natureza mãe nos cura internamente. Cabe dizer que a luta pela terra indígena não é de hoje, porque nós somos e sempre temos sido terra indígena desde muito antes dos invasores europeus chegarem aqui.

“...quem tem
território tem
mãe, tem colo,
tem **cura**

Figura 10.

Instagram Célia Xakriabá.

Fonte: Edgar Kanaykô



Morreu também o princípio de humanidade

“[...] aquele que não sente sensibilizado por este momento das várias mortes indígenas, as várias mortes aqui no Brasil... Mais de 100 mil pessoas que morreram, não é somente essas 100 mil pessoas que morreram, morreram também aquelas pessoas que não sentem sensibilizadas... Morreu também o princípio de humanidade”.
 (Célia Xakriabá, *live # 08_08092020*, min: 7: 33- 7: 51min.)

Escutando a Célia penso sobre os ataques que nós indígenas sofremos sem medida durante esta pandemia, ataques que vem sendo realizados durante muitos anos, e mesmo assim, quando indígenas se reúnem para lutar, parece que a luta é só nossa, as pessoas muitas das vezes não se sensibilizam, outras mostra compaixão, mais tem como ajudar mais, Célia fala que aqueles que não se sensibilizam com tantas mortes e como esta falta de sensibilidade morre também o princípio de humanidade. Durante a vida na pandemia, tivemos de nos adaptar a várias coisas, talvez para muitos era normal, porém para nós foi novidade, por exemplos as *lives*, para não deixar as agendas passar, Célia permanecia, assim como outras mulheres indígenas de outros povos, o dia todo na frente da tela de um celular, ou notebook, para atender as demandas e, ainda assim vemos alguns tipos de comentários sem cabimento, “ah, mas índios usam celular?” “mais índios tem internet?”.

“Sociedade Brasileira, o mundo vocês vão deixar a boiada passar por cima de nós?”

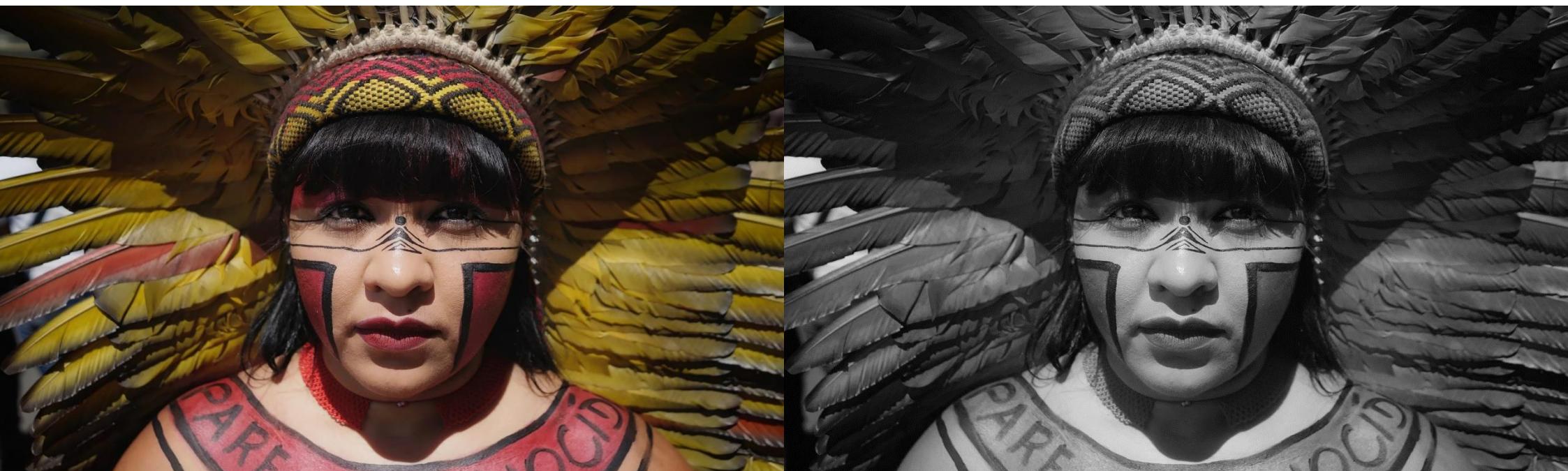
(Célia Xakriabá, live # 08_08092020, min 8:16)

Célia faz uma pergunta bastante importante, será se o povo Brasileiro deixaria o governo acabar conosco? será se nós indígenas não lutasse por nossos direitos, iríamos ficar sem nada?

será se quando lutamos para não acabar com nossas florestas esse benefício só serve para nós? será se estamos lutando por algo que não nos pertence?

“exatamente quando nós estamos nesse confronto existe uma deliberação autorização no congresso nacional para deixar a boiada passar em cima dos nossos territórios. (Célia Xakriabá, live # 08_08092020, min 8:04 - 8: 13)

Figura 11. Instagram Célia Xakriabá. Fonte: Edgar Kanaykō.



São muitas perguntas que nos vem à mente, perguntas sem respostas, nós já sabemos a resposta, porém queríamos que as outras pessoas não indígenas respondessem para nós, já que muitas vezes somos vítimas de tantas piadinhas de mal gosto. Por isso a importância de nós indígenas buscar sempre mais conhecimentos tanto no nosso território como fora dele, na universidade, para lutarmos com as mesmas armas que os poderes hegemônicos usam para nos atacar. Hoje temos vários incentivos, existem por outros países, pessoas a frente lutando por causas parecidas, até mesmo grupos de mulheres, querendo direitos iguais, não só direitos, mas também respeito, a nossa luta vai muito mais além, mas quando vemos esses incentivos, renovamos e criamos mais nossas forças.

Na Bolívia tem o feminismo comunitário como território de um processo de mudança histórica para o país assim, diz Julieta Paredes Carvajal, Feminista comunitária Aymara lésbica. Julieta Paredes Carvajal membro Fundador do “*Mujeres Creando Comunidad*” e da Assembleia de Feminismo Comunitário. Ela é escritora, cantora e poeta antipatriarcal. Eu li algumas cosias

sobre ela e aprende que mulheres indígenas lutam de ‘*punho esquerdo levantado*’, lutando por uma Utopia possível, por um lugar desejado e sonhado, por um lugar onde possam expressar sem opressão.

É isso que queremos, nossos direitos garantidos, sem a todo momento um governo querer nos tirar do que é nosso, não respeitando nosso espaço, um país que muitos não nos respeitam. Antes de tudo isso chegar, nós indígenas já tinha nossos espaços preservados, um lugar que era cuidado, sustentável, e foi chegando aos poucos coisas de fora com processo de invasão da nossa terra que foram tirando nossa privacidade e direitos, se não for através de lutas, já tinham nos eliminado, nos extermínado. Nossa luta é de muito muito tempo atrás.

É impossível esconder quem somos, temos histórias, e fazemos todo dia história, nossos corpos falam, nossa pintura fala, nossa cultura grita, não podemos ficar isolados, nossos jovens insistem em fazer nossos direitos prevalecer.

Julieta Paredes comenta em um dossiê (CARVAJAL, 2014), sobre o feminismo, que de certa forma ainda existe um

grande preconceito, ela falou uma frase que me chamou muita atenção, porque tem a ver com a luta do meu povo, com a nossa história, e com o meu tema de percurso.

“Nós mulheres sempre estivemos nas lutas de nossos povos, mas não querem que sejamos vistas” (CARVAJAL, 2014, p. 1).

É realmente isso mesmo, sempre as mulheres estiveram à frente ou lado a lado, lutando por nossos direitos, por mais que a sociedade não queira enxergar isso, hoje as mulheres lutam por essa visibilidade e estão cada vez mais ocupando esses espaços, e hoje posso dizer que as mulheres Xakriabá tem conquistado esses espaços com luta, a presença feminina hoje é comum em

todas as lutas e na organização indígena, elas conseguem ir muito mais além do que as pessoas possam imaginar, e fazendo ser possível, nas palavras de Julieta, de punho levantado por uma utopia melhor.

Vemos também que não é só um grupo comunitário, o Xakriabá que luta por essa utopia, são mulheres do mundo inteiro querendo reivindicar seus direitos, e isso é muito importante me dar forças para pesquisar, isso é luta coletiva, não só mulheres, mas homens também lutam por nossos direitos, vai muito mais além de um feminismo comunitário.

“[...] nós só estamos aqui hoje porque vieram muitos antes de nós.”

(Célia Xakriabá, live 08_04072020, min. 04: 45- 04: 49)

Só estamos aqui porque vieram muitos antes de nós. é isso quando falamos que a única herança que um índio deixa para outro é a luta , já nascemos, crescemos sabendo que vamos ter que lutar pra ganhar algo, por mais que nossos mais velhos já deixou direitos garantido, mais toda vez que entra um governo para desgovernar tudo, nós temos que ir à luta, para garantir, o índio não tem sossego, a todo tempo estamos tendo que enfrentar as barreiras impostas, temos de organizar e ir para Brasília, sem condições, mas mesmo assim mobilizamos grupos e saímos daqui e de saem de outras aldeias e povos para impedir que tirem a vida de nossos parentes que lutam para ter seus pedacinhos de terra, para não viver igual mendigo sem teto, lutamos para não deixar nossos filhos sem comida, para não tirar as oportunidade de um dia nossos filhos estudarem em uma universidade.

“é importante também as mulheres indígenas nossos anciões que continua segurando a mão no maracá”
 (Célia Xakriabá, live 08_04072020, 25:35 - 25:40)

“[...] na verdade eu faço da luta melodia, porque as palavras têm poder” (Célia Xakriabá, live 08_04072020, min. 31:34- 31:37 min.)

Quando sai grupos de homens e mulheres para a luta, já saem sabendo que não vai ser fácil, lá vai encontrar bombas de fumaça, spray de pimenta, bala de borracha e, mesmo assim vemos uma grande influência feminina, que vai, e fazem frente também as lutas, com as forças dos nossos parentes que fica na aldeia, faz uma energia boa, energia que contagia, para nossos parentes que vai para Brasília aguentar firmes.

e as mulheres não ficam por baixo, dificilmente vão grupos para Brasília, e não ir uma mulher, sempre tem, Célia é uma das nossas grandes inspirações, assim como Flávia, e elas tem influenciado muitas mais mulheres, elas seguram firme no maracá, e levam muitas mulheres com elas. Fazer das lutas melodias.

Demarcação territorial e a Sobrevivência da Mãe Terra

“[...] todos os territórios indígenas do Brasil que eu conheço, só foi demarcado depois da morte de uma liderança indígena, porque está vivo parece ser algo tão comum mais para os povos indígenas o que está em ameaça hoje é o nosso modo de vida é a nossa identidade é a nossa relação com o território, e nós povos indígenas nós somos o termômetro do mundo, porque o dia que nós povos indígenas dá o último suspiro, isso significa que a humanidade, já não vai mais conseguir respirar.

(Célia Xakriabá, live 10_01092020, min. 0:46 - 1:16min)

Nós indígenas sofremos quando uma certa área de preservação é destruída, porque nos sentimos parte da mãe terra, sofremos quando atacam nossos parentes, porque somos todos irmãos, nós ao querer preservar uma mata, não é só de nosso interesse, porque para sobrevivermos precisamos da natureza. Nós sofremos quando fala que é muita terra para pouco índio, sendo que quando demarcamos terra, é porque é um direito nosso, será que quantos mais de nós vai precisar morrer para tentar preservar os nossos direitos, para tentar melhorar o mundo, porque a terra sofre, com tanta destruição, a terra é mãe, ela sente quando queimam seus frutos, quando queimam nossas histórias. Para que nos indígenas sobrevivamos não é somente estar vivos, temos conexão com a natureza, tem toda uma ciência envolvida.

Então quando falamos que estão nos matando aos poucos, não é somente matar uma pessoa, mais sim matando nossos modos de viver, de sustentar, se conectar com a natureza. Célia fala em uma página do *facebook* que a mão que corta as árvores e sustenta motosserra do desmatamento ilegal é a mesma que corta nossos direitos indígenas. Embora não sejamos reconhecidos como melhores artilheiros, somos os melhores zagueiros, defendemos nossos biomas, sustentamos o pulmão do mundo. Parem o desmatamento, porque quando corta uma árvore corta a vida.



Nos perguntamos o que o progresso da morte vai fazer? Onde vai escrever essa caneta? o dia em que tiver cortado todas as árvores? por isso continuamos aprendendo a cada dia muito mais com a árvore viva do que com um papel morto.

Figura 12. Instagram
Célia Xakriabá. Fonte:
Edgar Kanaykō

Luta das mulheres indígenas para além da fronteira

“[...] nós mulheres indígenas, vemos também sobre a responsabilidade de fazer a luta para além da fronteira [...]” (*Célia Xakriabá, live 15_19112020, min. 0:58 - 1:02. Min.*)

“Nós mulheres indígenas estamos em ameaça quatro vezes porque nós saímos para um território que não é nosso em busca da luta e por ser mulher por ser jovem e principalmente por ser ativista dos direitos humanos”. (*Célia Xakriabá, live 15_19112020, min. 7:23 - 7:34 Min.*)

As participações femininas nas lutas por nossos direitos e a responsabilidade e atenção ao sair de nossa casa que é a aldeia, e ir acampar em outro território, em busca de nossos direitos, mostra que as mulheres indígenas Xakriabá e de outros levam a sério o trabalho comunitário e coletivo, nossas mulheres guerreiras não se intimidam saem de suas aldeias determinada para lutar com a certeza de que vão a voltar, mesmo diante as ameaças saem daqui e vai para luta.

Neste tempo de pandemia não foi diferente, no início dessa pandemia, o governo aproveitou, para querer derrubar nossos

direitos, mais mesmo em frente a tela, as mulheres fizeram uma mobilização para estar se reunindo todas juntas, para discutir os assuntos necessários. As telas funcionando graças a internet se tornaram ferramentas a nosso favor, pois reuniram-se muitas guerreiras através das reuniões online junto com homens e vimos os resultados das mulheres que fizeram luta no chão da terra, mais também nas lentes da tela. Com o avanço da vacinação a luta continua, as mulheres foram para Brasília, para a *II marcha das mulheres indígenas*, com 5.000 mil pessoas acampando, 172 povos participaram e teve também entre 22 a 28 de agosto a maior

mobilização indígena da história em Brasília levando as pautas do movimento indígena para milhões de pessoas.

Durante o mês de agosto o acampamento ‘Luta pela vida’ esteve acampado por 6.000 pessoas, 176 povos, 15 milhões de pessoas alcançadas em todas as redes da Apib, 3.100 matérias publicadas por organizações e imprensa nacional e internacional,

“Não vai ser um spray de pimenta que vai tirar nós da luta, a luta é contínua, já enfrentamos isso uma vez, não é a primeira vez, e com certeza essa não é a última. (*Célia Xakriabá, live #25_22062021, min. 1:39- 1:57 Min.*)

O índio é insistente, resistente e persistente, mesmo diante de tanto ataque querendo intimidar, cada vez que volta para aquele território para lutar, voltam ainda mais fortes e confiante, sem medo de morrer, porque como muitos falam, que se for para morrer, morreremos lutando. O território que nós falamos, é o

“Como se calar diante de um ataque, diante de um genocídio? Que a terra grita, que as MULHERES gritam, mesmo quando estamos em silêncio, porque a terra tem muitos filhos, a terra tem muitas mães, e as mães choram quando veem seus filhos também violentados”. (*Célia Xakriabá, live # 17_05092020, min. 0:40-1:00 min.*)

agora também reuniram grupos de jovens estudantes querendo garantir os nossos direitos de estudar, das bolsas permanência, pois é uma das principais política de assistência estudantil para os povos indígenas e quilombolas nas universidades. Já são mais de 6 mil estudantes sem a bolsa MEC, o diz do desmantelamento do aceso a educação universitária para indígenas.

chão de Brasília, onde os guerreiros que sai daqui da aldeia, para lutar, e lá naquele território muitas das vezes levaram bombas de borrachas, spray de pimenta, e muitas mais humilhações. Porém esquecem que índio já nasce preparado, porque já nasce na luta.

Esta fala de Célia vou comentar com outra fala dela, muito forte. “*somos um povo que resiste pela força do maracá, a orientação do pensamento vem da força do cantar, porque antes de existir o Brasil da coroa existe o Brasil do cocar, vamos continuar passando uruncum e genipapo mais a boiada não vamos deixar passar*”⁶.

⁶ Fala retirada de: <https://pt-br.facebook.com/celialaxakriabaa/videos/394438369017950/>

“A escola tá em todos os lugares pois elas são e estão dentro das próprias pessoas”.

(Célia Xakriabá, live # 22_22032021 - 0:02min.- 0:08 min.)

Desde que surgiu a escola
na comunidade Xakriabá
surgiram grandes esperanças
para as crianças estudar

agradecemos caciques e lideranças
por eles nunca desistir
o brilho nos olhos das crianças
pagam o que eles fizeram por aqui

A escolha foi um começo
para sermos reconhecidos

através de lutas
nunca fomos esquecidos

a escola veio de uma forma
para os costumes resgatar
ensinando nossa cultura
e aos poucos o moo de falar

agradecemos aos nossos mais velhos
que foram nossos primeiros
professores
temos sempre que agradecer
pois foram os primeiros que nos
ensinaram
nossa moda de viver

temos vários avanços
como indígenas professores
prefeito e dentista
e até diretores

**“por que nós
lutamos por uma
educação do jeito que
a gente quer sem matar
o que a gente é**

“Não existe educação, não existe escola, sem o direito territorial”.

(Célia Xakriabá, live # 22_22032021 - 0:48 min.- 0:53 min.)

“é importante considerar também o nosso modo de vida, como forma de conhecimento tradicional”. (Célia Xakriabá, live # 29_16072021- 0:08-0:12min)

“As lideranças Xakriabá que a escola ajuda demarcar território, por isso que eu falo que nós não exatamente só apropriamos da escola, nós amansamos a escola, porque a escola também chega no nosso território tentando nos colonizar” (Célia Xakriabá, live # 29_16072021 - 0:34 - 0:48min.)

“é importante reconhecer os conhecimentos indígenas como uma forte potência de conhecimento de cura. (Célia Xakriabá, live # 29_16072021 - 1:01- 1:05 Min.)

“e nem um governo vai conseguir acabar com a nossa ciência, porque a ciência mora dentro de nós e dentro dos territórios indígenas” ((Célia Xakriabá, live # 29_16072021 1:37- 1: 44min)



Figura 13. Fotografia tirada pela professora do tempo integral –Escola Estadual Indígena Bukinuk – aldeia Sumaré 2. Plantação de horta na Escola.

SIM! NÃO EXISTE EDUCAÇÃO, NÃO EXISTE ESCOLA, SEM O DIREITO TERRITORIAL

O que eu Luana digo sobre isto?

A nossa fonte de sabedoria
é sempre buscar para aprender
e os nossos anciões nos ensinam
um jeito mais fácil de viver

é nos contos deles, nas explicações de vida
que aprendemos o verdadeiro significado
que antes de ter chegado à escola
já tínhamos um grande aprendizado

para nós indígenas xakriabá
a escola tivemos de amansar,
pois queriam trazer um ensinamento
com um jeito próprio de ensinar

mal sabiam aqueles professores brancos
que por mais que não sabíamos o que era um livro de papel
para todos nós xakriabá
nossos anciões são livros vivos
são nossa literatura em cordel

tivemos a necessidade de territorializar
nosso próprio espaço na faculdade
não somente se tratando de espaço
mas também no jeito de aprender e repassar
e os nossos direitos de usar e ocupar.

é muito bom aprender outros conhecimentos
dados pelos professores das faculdades
mostrando outros tipos de ciências
observando aquele ensinar e as realidade dos docentes

um grande passo já demos
um espaço na faculdade conquistamos
territorializando um jeito nosso de aprender
sem deixar passar o ensino ocidental
pois é essas dificuldades que no dia a dia enfrentamos.

com mais de 200 trabalhos que investigamos
chegamos à conclusão que todos nós indígenas
temos nosso próprio jeito de fazer pesquisa

além de pesquisarmos os livros

A aldeia é o nosso ponto de partida.

por mais que nossas mentes estejam expandidas

nossos pés continuam firmes na aldeia

é buscando conhecimento dos mais velhos

que podemos chegar vivos como a chama de uma candeia.

depois de dias olhando os trabalhos

feito por indígenas na universidade

foi lendo os trabalhos que conheci

as riquezas dentro das diversidades.

porém mesmo com as diversidades

somos movidos na pesquisa pelo jeito tradicional

que fazemos e colocamos nossos conhecimentos

bem diferente das pesquisas ocidental

procurei por palavras que tratam de matemática

mas se você não souber primeiro entender

não achará esses tipos de palavras

pois a matemática mesmo

está no nosso jeito de viver.

pra nós a matemática não é um conteúdo

para quem não sabe e querer conhecer

a matemática tradicional

está no nosso jeito de fazer.

quando os indígenas territorializam na universidade

criamos nosso próprio território de lutar e para aprender

derrubando aquele sistema imposto

mostrando toda a nossa força de querer

assim fazendo a nossa aprendizagem tradicional prevalecer

por isso é normal ver em uma pesquisa feita por indígenas

a nossa forma tradicional e cultural de viver

mostrando cada disciplina presente no dia a dia

e assim é a nossa forma de ensinar e aprender.

CAPÍTULO 4

VOZES DO CHÃO DA TERRA

4.1. Conversa com a anciã dona Ana

Em uma conversa com Tia Ana, aqui da aldeia Sumaré 1, ela me contou sobre a plantação de roça dela.

Uma mulher de 79 anos, tem 8 filhos, Tia Ana conta que desde menina gostou de trabalhar, com o seu pai, ajudava ele serrar madeira, era o pau preto, aroeira, que era para fazer carro fazer engenho, e ela conta que se acostumou desde cedo a trabalhar, que quando se casou não foi diferente, ela cuidou

sempre da roça, e o marido dela mexia com madeira, fazendo camas, serrando entre outros. desde então nunca parou de plantar a roça, todo ano ela tem a plantação dela.

Ela fica responsável pela roça, ela conta que gosta de trabalhar sozinha, que todo ano ela planta, só chover, ela já começa coivarar a terra, queimar, limpar e plantar.



Figuras 14. Dona Ana na roça.
Fonte: elaboração própria.

Ela disse que planta a roça não é por necessidade pois ela é aposentada, disse que planta porque gosta de trabalhar, que não gosta de ficar em casa, que todo ano gosta de comer mingau, milho verde assado e cozido, feijão verde, e dá para os vizinhos. A roça de tia Ana ela planta feijão catador, feijão de arranca, milho e abóbora. esse ano tia Ana abriu as covas sozinha, plantou 6 pratos de milho, 3 pratos de feijão, e está muito feliz, porque Deus está mandando chuva, mais mesmo quando chove pouco, ela planta assim mesmo, ela fala que mesmo assim tem que agradecer a Deus e conformar com o tanto que ele dá, que tudo o que Deus faz é bom.

Ela conta que hoje as pessoas ainda plantam suas roças, todo ano, mais é muito pouco em relação a antigamente, porque hoje os jovens não querem mais plantar, quem planta ainda é aqueles mais velhos, que já veio com essa tradição, e os novos estão largando de plantar, porque preferem comprar tudo já pronto. Ela fala que até quando estiver viva e aguentando a caminhar está plantando.

A tia Ana fala que a plantação de roça, é uma forma de sobrevivência do povo Xakriabá, porque com a plantação, as pessoas dividem o alimento, com quem precisa, e não tem salário, troca as sementes com outras pessoas, e assim as pessoas vão sobrevivendo, ela conta que antes as pessoas sempre foi assim, dependia só da roça, para se alimentar.

Ela fala que a luta dela sempre foi aqui na terra, que sempre lutou para alimentar seus 8 filhos, ela nunca trabalhou em outro serviço, para ganhar dinheiro, que tirava o sustento sempre da roça, trocava dias de serviços com outras pessoas, e assim ia sobrevivendo, que quando não estava trabalhando na roça, estava moendo cana, e passava mês torrando farinha, umas mulheres torrava de dia, e outras era de noite, ela mesmo plantava mandioca, ela mesmo arrancava e torrava na meia. Ela fala que nunca ficou parada, que sempre caçava serviço, que servia para ela e para os outros, e se sente muito bem assim.

4.2. Aprendendo com Luciana Alexandre Leite da Cruz

A Escola Estadual Indígena Bukinuk, juntamente com as demais escolas Xakriabá decidiram que esta atividade seria entregue aos alunos mensalmente, através de material impresso pois nossos alunos não têm condições de acessar os pcts enviados pelo governo por meios digitais, levando em consideração a evolução da Covid 19 e as orientações do Ministério da saúde. Depois da elaboração das atividades que são relacionadas com nossa convivência, por ex. Para se trabalhar língua portuguesa nos professores buscamos textos relacionados ao nosso povo, para se trabalhar ciências buscamos trabalhar relacionados nossas plantas medicinais e vegetação que temos além dos frutos do cerrado a seca etc. As atividades são repassadas aos supervisores para que possam assim montar um plano de estudo único por nível de ensino que posteriormente é entregue na escola para ser impressa e ficando por conta dos professores a responsabilidade de entregar aos alunos com todo o cuidado e higiene possível, com uso de máscara, luvas e álcool em gel.

O conteúdo passado seria avaliado somente após o retorno das aulas presenciais. So que por exigência do estado em prestar conta das atividades que estão sendo passadas aos alunos e do trabalho que o do professor está executando, estamos agora recolhendo estas atividades para serem corrigidas e assim analisar o desenvolvimento de cada aluno em cada modalidade de ensino. Lembrando que essas aulas remotas ainda estão em construção.

A direção da escola Bukinuk fala também que "a secretaria agora está querendo que inserimos notas no diário digital, sendo que nunca tivemos uma capacitação para os professores nem supervisores indígenas para realizar esta ação. No início do ano foi feito um documento de lideranças, caciques e direções escolares para solicitar este apoio da secretaria, mas até o momento não recebemos retorno".

Entrevista com a Diretora da escola Bukinuk – Luciana Alexandre Leite da Cruz

Perguntas:

1. Quais foram as maiores dificuldades em aderir a esse novo formato de ensino?

Conciliar com pais e alunos um modelo dos professores atender estes alunos através de um trabalho impresso, pois sabemos que estes alunos já estão em constante aprendizado diariamente com seus pais, porém a dificuldade era registrar e fazer a SEE entender que a aprendizagem em uma escola indígena é constante.

2. Como foi a discussão para chegar ao ponto de entregar a apostila?

Necessidades de um tempo diferente das escolas não indígenas, pois precisamos muito dialogar e nos aconselhar com nossos lideranças e anciões da nossa reserva, para até então chegar a um consenso e decidir qual melhor caminho a seguir, e nesta pandemia não foi diferente foi através de conversas e aconselhamento que decidimos registrar nosso formato de ensino/aprendizagem durante esta pandemia.

3. Quais são as formas de prevenção que estão sendo usadas pelos professores no momento das entregas das apostilas?

A forma de prevenção é a orientada pelo ministério da saúde, que é o uso constante de máscaras, álcool em gel e depois de recolhida as apostilas aguardar um curto tempo para manusear, além de estar sempre usando dos remédios da nossa medicina tradicional para nos imunizar contra o vírus da Covid e entre outros.

4. Você como diretora e mãe de aluno acha que os estudantes estão tendo um bom aprendizado nessa nova forma de ensino, devido essas atividades ser relacionada com a nossa cultura?

Como gestora, professora índia de uma escola indígena, não tenho nenhuma dúvida que nossos alunos estão em boas mãos daqueles que são para nós um livro aberto de conhecimento, nossos mais velhos. O que nossos professores estão fazendo é apenas orientar os alunos de como registrar estes

conhecimentos através de um estudo orientado, quando se pensa em ensino e aprendizagem indígena a riqueza está nos nossos mais velhos, esta convivência sem dúvida está sendo rica.

5. Você como mãe, concordaria com as voltas das aulas presenciais, qual a sua opinião?

Como mãe acredito que ainda não é hora, pois a partir deste retorno, vem também o acesso de outras pessoas a aldeia, e isso poderia ocasionar um retorno deste vírus as nossas aldeias, então se nosso ensino/aprendizagem é constante podemos esperar mais um pouco.

4.3. Uma conversa com Célia Xakriabá no chão da aldeia

A seguir quero apresentar uma conversa que tive com Célia Xakriabá no chão da aldeia, acredito no potencial desta entrevista e apresento ela por inteiro, dando valor a cada palavra que creio vem a responder a minha pergunta de pesquisa.

Início de um encontro.... o início de uma conversa...

A população indígena do Brasil é formada por 305 povos, falantes de 274 línguas. Somos aproximadamente 900 mil pessoas, sendo 448 mil mulheres. Nós, mulheres indígenas, lutamos pela demarcação das terras indígenas, contra a liberação da mineração e do arrendamento dos nossos territórios, contra a tentativa de flexibilizar o licenciamento ambiental, contra o

financiamento do armamento no campo, enfrentamos o desmonte das políticas indigenista e ambiental.

Somos muitas, somos múltiplas, somos mulheres cacicas, parteiras, benzedeiras, pajés agricultoras, professoras, advogadas, enfermeiras e médicas nas múltiplas ciências do território e da universidade.

Somos antropólogas, deputadas e psicólogas. Somos muitos transitando do chão da aldeia para o chão do mundo. Mulheres terra, mulheres água, mulheres biomas, mulheres espiritualidade, mulheres árvores, mulheres raízes, mulheres sementes e não somente mulher, guerreiras da ancestralidade.

Nós, mulheres indígenas, também somos a Terra pois a terra se faz em nós. Pela força do canto, nos conectamos por todos os cantos, onde se fazem presentes os encantos, que são nossos ancestrais. A terra é irmã, é filha é tia é mãe é avó é útero é alimento é a cura do mundo. Como calar diante de um ataque? Diante de Genocídio que faz a Terra gritar mesmo quando estamos em silêncio? Porque a Terra tem muitos filhos e uma mãe chora quando vê, quando sente que a vida que gerou, hoje é ameaçada. Mas ainda existe a chance de mudar isso, porque nós somos a cura da terra.

Estamos atuando não somente no enfrentamento a Covid - 19, mas na linha de defesa do “Covid sistemático do Governo Federal” e de seus ataques permanentes aos direitos indígenas. Como desdobramento, notou-se a necessidade de avançar ainda mais, fortalecer nossas capacidades organizacionais, como vias

de oficializar essa articulação da ANMIGA incluindo o planejamento estratégico e o funcionamento de nossas redes.

Diante da pandemia, criamos espaços de conexão para fortalecer a potência da articulação de mulheres indígenas, retomando valores e memórias matriarcais para avançar em pleitos sociais relacionados aos nossos territórios enfrentando as tentativas de extermínio dos povos indígenas, as tentativas de invasão e de exploração genocida dos territórios – ações que têm se aprofundado no contexto da pandemia.

Dessa forma, conseguimos também fortalecer o movimento indígena, agregando conhecimentos de gênero e geracionais.

Nossas lideranças estão em permanente processo de luta em defesa de direitos para a garantia da nossa existência, que são nossos corpos, espíritos e territórios. Reunidos no XV acampamento Terra livre, em abril de 2019, construímos um espaço orgânico de atuação. Levamos pautas importantes para o centro do debate da mobilização que resultou na primeira Marcha Das Mulheres Indígenas com a união de 2500 mulheres

de 130 povos, em Brasília, no dia internacional dos povos indígenas, em 9 de agosto daquele ano.

A marcha com o tema “*Território nosso corpo, nosso espírito*” foi pensada desde 2015 como um processo de formação e de fortalecimento com sustentada ação de articulação com diversos movimentos. Após um ano da 1^a marcha das mulheres indígenas, nós mulheres indígenas de todo o Brasil realizamos uma mobilização histórica!

Diante do agravamento das violências aos povos indígenas durante a pandemia da Covid-19 nós decidimos demarcar as telas e realizar a maior mobilização de mulheres indígenas nas redes virtuais. Assim, nos dias 7 e 8 de agosto, acontecia a nossa grande assembleia online com o tema “o sagrado da existência e a cura da terra”.

Entrevista com Célia Xakriabá para uma pesquisadora indígena Xakriabá
Data: 02-02-2022

1. Quem é Célia Xakriabá, suas origens sua história de vida, sua família, como Célia se insere no mundo acadêmico porque, e para que?

Eu sempre falo que eu sou Célia, mas quando a gente fala que e Xakriabá a gente não é sozinha, a gente se transforma em muitos, é tanto e que eu não sei se você viu essa experiência, quando a gente vai fazer um memorial, ai fala conta a sua

história, ai de repente você está contando a história de sua mãe de seu avô, do seu filho é as pessoas, não conta a sua história, mais e porque nenhuma história ela e sozinha solitária ela e igual

uma árvore que dá frutos, sempre vai se ramificando e sempre vai puxando outras.

Então para mim assim, Célia começa na verdade quando nossos avôs já estava aqui, e nessa construção de povo mesmo, é principalmente nesse lugar assim mais da luta, eu me fiz muito nesse processo de educação. Em 1996 quando os primeiros professores assumiram aqui as salas de aula, e aí hoje quando nesse processo depois de mais de 30 anos as pessoas me perguntam, há mais você fez parte dessa primeira turma de professores? Eu sempre falo que eu tive a maior sorte de ser fruto desses professores e de ninguém ensinar para nós que quem descobriu o Brasil foi Pedro Alvares Cabral, porque antes disso nossos pais contava que, por exemplo, tinha que cantar o hino todo dia na escola quando eles estudavam, é continuava dando aquela resposta pronta nos livros, que vinha as resposta em vermelho, eu tinha curiosidade pra saber o que tinha dentro daquele livro, é na verdade a gente percebe que muito mais importante do que as resposta, são as perguntas que a gente vai construindo também coletivamente.

E quando nós construímos perguntas coletivas nós também vamos se transformando nesse processo das resposta, e ai meu bisavô na verdade foi um dos primeiros leitores de cartas aqui no território Manuelzão, e era uma referência, porque naquela época ler carta não era pensando há vou ser professor e pedagogia não, nem sabia disso nem para que era isso, e todo mundo ficava surpreso como é que ele aprendeu ler carta se naquela época ele e Eitor, lá do Sumaré que era referência também, era os dois que lia cartas e ai sempre chegava documentos e falava assim, por exemplo se chegasse documento falando: *foi dado a favorável território Xakriabá*. Mas se fosse uma outra pessoa de fora que lesse e tivesse interesse ele podia mentir e falar assim: *ô diz que não deu direito ao povo Xakriabá não*. Então, aquela mentira virava uma verdade, e por isso foi muito importante o processo, e junto com os liderança da época e aí tinha esse lugar da confiança e aí principalmente nessa transformação do que é a educação do que é a escola hoje.

A gente vê as escolas construídas, mas antes de uma escola construída com alicerce, a primeira escola que foi construída aqui foi com a luta, e foi pensando na garantia do

território porque não existe escola e educação se não tem lugar para colocar a escola, até falo que as escolas são as próprias pessoas, esses dias me pergunto, qual a nossa identidade na ciência? Eu falo que a nossa identidade na ciência está na terra, está no urucum, está no jenipapo, está no maraca, porque mesmo antes de nos ir para a escola, eu lembro que antes parece que ouviu um processo de transformação muito rápido, e os pais da gente primeiro antes de levar para a escola levava era para a roça pelo menos para fechar uma cova e depois muito rápido, a gente percebe que parece que ficou distante esse lugar de plantar como se talvez não fosse um lugar de conhecimento.

Mas nós também estamos retomando esse lugar da importância, porque eu lembro que nós entramos na escola e, pergunto para nós, o que nos queria ser quando crescer? E um tanto de gente falo que queria ser médico, advogado aí quando me perguntaram, eu falei que queria ser professora, porque eu pensei que era fácil, mas eu sempre fui professora de cultura, eu nunca fui professora de disciplina, mesmo tendo a formação de ciência sociais. Quando perguntaram para tio Valdim ele falou assim, que queria uma enxada bem amolada para plantar para

esse bando de doutor, então a gente escuta os pais os avôs da gente falar, estuda meu filho que o conhecimento e uma coisa que ninguém tira. É vô falava assim inteligência todo mundo pode adquirir na escola na universidade mais a sabedoria não, os mais velhos não foram na universidade, mas agora eles são a universidade, eles são a escola.

Então como que nessa nossa geração retomar esse valor também, e de poder formar mais sem perder de vista também que é importante, quando tem a oportunidade de plantar de produzir alimento, e de fazer a horta mesmo que a gente sabe que tem uma dificuldade muito grande por conta da mudança da chuva mais o quanto que esse vínculo com o território e o que faz a identidade, e a identidade que faz o nosso lugar de ser educação diferenciada então eu não entendo, Célia sozinha, eu entendo Célia que nasceu nesse lugar da luta, entendo que a gente também tá abrindo caminho para outros jovens que estão chegando, e principalmente porque está na universidade e lutar com borduna do pensamento.

2. De onde surgiu a vontade de ser e viver na luta?

Eu sempre falo assim, seu Valdemar falou uma coisa que quando a gente nasce indígena a gente só tem duas escolhas: ou a gente vai para luta ou a luta vem até agente. Têm gente que pensa que não tá indo na luta mais de certa maneira, qual o confrontamento que você tá fazendo na sua casa ou no território no dia a dia? mesmo quando surge as dificuldades, de certa maneira está fazendo algum movimento na luta, e quando eu perguntei bastante tempo pra algumas mulheres, qual foi a contribuição delas na luta, elas falava não foi muito não minha filha, meu marido era liderança eu tinha só abrir grande braçada de roça, principalmente as que eram mulher de liderança, e ai eu perguntei pra dona Nena que teve o companheiro morto na época de Rosalino, perguntei pra dona Niza é a última delas respondeu assim que, além de abrir grandes braçadas de roça elas também tinha que sustentar os filhos e a cultura, e eu achei muito forte isso, ai me despertou bastante por conta dessa ausência na história.

Eu sempre ouvia falar assim da luta, vários lugares, pontos de luta sempre foi bem violento na época da chacina, e ai

tia Fortina que também sempre falava da presença delas como é que foi, mais ninguém falava assim da presença das mulheres, quando veio os primeiros professores indígenas veio uma quantidade de mulher muito grande também, ai depois bem mais recente Diana ali da prata, mais ai eu ficava pensando por exemplo, quando escutava tio Inês contando história de parteira sempre o que encantava mesmo era escutar coisas que estava fora da escola, porque eu penso que a educação diferenciada não é sair capturando as coisas pra dentro da escola, mais a escola se deslocar até esses lugares.

E ai quando tinha uns 12 pra 13 anos um dos primeiros cursos que eu fiz, que pai coloco pra mim fazer junto com comadre Cida foi da articulação pacari de plantas medicinais, era ele que estava fazendo ai ele não pode ir, ai eu fui até concluir, ai depois teve uma audiência pública bem importante, as lideranças me chamaram para ir com eles, ai eu falei gente mais esse povo é sem juízo eu sou quase uma criança 13 anos, ai lá pego me pediu pra mim falar uma fala, já era no meio dos deputados gente era a primeira vez que eu estava saindo assim, e eu falava

gente como assim o povo confiando assim, e ai parece que foi tão rápido eu me senti tão desafiada, e tinha vez que as liderança falava assim: você vai chegar longe. Eu já ria assim mesmo, e um dia eles até reclamo, cê está rindo você não está acreditando no que nós estamos falando. Por exemplo, se Valdemar sempre me falo e é incrível que a sabedoria deles olhar assim, para um jovem e eles fazem isso com outros jovens também, fala esse jovem eles vão adiante, e não é um lugar que a gente quer, porque se fosse perguntar se eu queria sim está nesse lugar, são muitas renúncias é muita solidão também. As pessoas na maioria das vezes constroem um imaginário, até de preconceito, como se fosse um lugar de conforto, mas para mim não é conforto a solidão de estar fora de casa, até porque eu nunca tinha estudado fora do território Xakriabá, porque na 5º série foi uma luta das liderança pra ter a 5º série, então quando teve a 5º série eu fazia parte dessa primeira turma também, não tinha 8º série quando nós formou na 8º série em 2004 a primeira formatura, parece que era uma festona de tanta alegria é como se já tivesse ensino superior naquela época, e ai não tinha ensino médio e foi quando nós formou no ensino médio a primeira turma em 2007.

E aí daí para cá todo esse processo de conquista nunca foi dado, e aí quando fala desse lugar de estar na universidade, a gente que vai chegando primeiro é mais difícil abrir, porque é como chegar num lugar que não tem estrada, tem que abrir um carrerim, ce não abre como a máquina saindo abrindo a largada. As pessoas que vão vindo depois que vai alargando e vai plantando também nessa estrada para não ser uma estrada desmatada porque não é só para passar, tem que passar e construir dentro desse caminhar, é aí para mim sempre foi muito de construção coletiva. Quem me conhece sabe eu nem sabia escrever assim igual se faz na academia, me conheci um pouquinho na graduação mas ainda assim para mim era um desafio muito grande, toda vez que a gente falava na oralidade parecia como se a gente não quisesse escrever porque era mais difícil, mas na verdade não é sobre isso, no mestrado foi quando eu me conheci mesmo na escrita e provoquei a escrita que é possível escrever trazendo a força da oralidade, só que tem coisa que dá para guardar na escrita, um pouco do conhecimento sim mais a força da palavra e o sentimento da palavra não é ai por isso que é muito importante mesmo.

Nossos avôs não sabendo escrever no caderno mesmo não sabendo ler o livro, eles sabem ler a vida, eles sabem ler o território, eles sabem ler o tempo. Eu um dia falei para meu avô acho que não vai chover não está muito calor, e eu via que na previsão do tempo que vai chover só para o mês que vem, a Vô falo: São João floro cedo esses Passarim está cantando, acho que daqui para dois dias chove. E eu olhando a previsão do tempo

nunca desacreditei, mas como que eles conseguem ler o território né, e para mim é muito importante e essa escolha não é minha, eu até falava assim, eu mais do que as minhas irmãs sempre pensei em casar cedo ter filhos, e sempre ficava adiando porque embora não seja mãe de filho gerado no útero do corpo hoje eu me sinto mãe gerada com filho e fruto da luta, mais de fato a gente faz muitas renúncias para fazer a luta coletiva.

3. Você acha que sua mãe e seu pai fazem parte dessa luta?

Com certeza, eu só existo por causa dessa construção, mãe fala assim né, que ela sente muita saudade e aí pai fala assim, não mais a gente que trouxe ela para luta, aí mãe fala assim: há mais não tem um tempo determinado não já está na hora de voltar. Mesmo que é importante a luta mãe sente desde esse lugar do afeto dentro da família, pois até o ensino médio eu nunca tinha saído para fora do território nem pra estudar em Missões no que eu estava dizendo, é quando nós passamos em 2009 no primeiro processo seletivo da graduação na faculdade de educação no FIEI, e aí passo eu o Edgar e Simone é o povo achava que nós estava feliz, mas eu fiquei foi triste porque era

muito desafio e na época pai estava afastado, porque ele tinha concorrido a eleição e aí eu lembro que eu até falei assim pra mãe, se ela ia dar dinheiro para nós ir, ela falo que não tinha. Eu falei: mãe, mas eu nunca pedi nada, eu nunca estudei em nenhuma cidade é a primeira vez que eu peço a senhora não me dá, e aí foi bem duro para mim. Edgar falo assim, mas a senhora está falando que não tem imagina ela ouvindo isso, aí ela não deu dinheiro mais fez aquele tanto de farofa, fez um tanto de bolo, aí eu lembro que parou lá em Mirabela o povo falo assim, vocês não vai parar comer não, a maioria era professor, não nós está com a barriga cheia não, era porque não tinha.

Em Belo Horizonte foi uma peleja assim, não tinha bolsa, não tinha nada, isso de abrir a picada, abrir a picada as ferramenta sempre são mais dura porque já que não tem esse trator se tem que abrir com a mão isso sempre vai deixar calo vai deixar cicatriz vai deixar dolorido assim, quem ver o caminho aberto não reflete quem ver primeiro por exemplo assim, por isso que é importante agente não perde de vista todos os nossos antepassados que veio primeiro as letas não foi exatamente pela caneta mais foi pela caneta que estava matando, exatamente nessa questão de direito, sempre a caneta foi responsável por matar muitos de nós, o que matou Rosalino foi arma de fogo mais hoje também a caneta tem matado muitos de nós e ai pra mim tanto pai como mãe, minhas irmãs me ajuda bastante nesse processo porque se a gente não tivesse o apoio da família dificilmente você conseguiria estar nesse lugar é claro que existe

a saudade igual eu falo assim, esse povoado e solidão a gente está o mesmo tempo cheio de gente quando eu estou por exemplo em Belo Horizonte.

E essa experiência que a universidade que eu era a primeira mulher indígena estar no doutorado, mais ao mesmo tempo estar povoada solidão porque se pode olhar assim e dizer gente eu tô aqui nessa cidade se eu for na rodoviária não vai ter indígena, se eu for agora na UFMG nesse horário se não for os meninos do curso que a gente sabe que hoje tem, que tem dois na enfermagem não tem indígena, então o processo de muitas ausências ai eu falo assim, as pessoas fala muito de racismo da presença, mais o racismo da presença que é quando nós está lá é as pessoas pensam que nós nem existe ainda vai perguntar se nós e de verdade então é bem importante .

4. Célia, quem é sua inspiração para você nunca desistir de estar à frente da luta do nosso povo?

Na verdade é o povo em si né, porque quando a gente vê esse retrocesso de direito várias vezes eu já falei gente embora eu seja nova todo mundo até que me vê fala assim que eu pareço ser uma jovem com alma de velho, eu não tenho problema nenhum com isso , que assim as vezes as pessoas não gosta de envelhecer né, mais pra mim envelhecer não é esconder os traços da história da noite mal dormida, envelhecer também é principalmente sinal de sabedoria, e essa escola que eu frequento não foi só escola aqui onde é organizada por série , que é organizada por concluir um ciclo do ensino médio, mais eu falo que minha primeira escola foi, e sempre continuará sendo a luta, porque pra mim não tem processo de luta que não gera conhecimento , eu até falo que a luta é o quarto poder , então pra mim a maior inspiração é o povo as lideranças que já se foram que tinha muito menos condições para enfrentamento e porque a gente fica falando é a história, quem é que vai fazer história, na verdade todo mundo faz história.

História não é somente o que vai ser contado amanhã, a história é o que está fazendo hoje, e a gente precisa saber o que nós estamos fazendo hoje para luta, amanhã não vai ser mais a

gente, mais é importante a gente refletir então , assumir esse compromisso na luta, não é somente um ato de coragem , mais é um ato também de responsabilidade com aqueles que já se foram, um compromisso de hoje porque certamente esse compromisso vai ser passado pros que vão vim amanhã.

Então pra mim assim, a inspiração além de ser o povo, mais é principalmente que esse lugar das mulheres embora elas nunca colocaram no lugar de evidencia as parteiras, benzedeiras, pra mim foi assim um discurso mais bonito, cada hora que eu escuto, olho pra elas, parece que não é nada assim sabe, elas conta ah, minha fia não sei nada não, mais é isso, isso, e de repente a gente ver que o livro é mais pobre do que a sabedoria que elas tem, porque a sabedoria mora dentro delas, eu falo assim que essas mulheres como se fosse ciençosa, que a gente fala a senhora faz ciência, elas fala que não ne , mais elas fala assim aquela pessoa é ciençosa, é porque tem sabedoria, e de onde vem essa sabedoria? Eu falo que vem desde quando elas nasce já, então por isso que é importante reconhecer outros lugares também onde tem sabedoria, que não está no livro mais que está dentro das pessoas.

5. Célia, você por ser mulher já se sentiu intimidada por estar à frente das lutas?

Ha um desafio bem grande assim, e nos últimos tempos , principalmente nas lutas mais externas, foram muitas perseguições assim mais se for parar pra pensar assim se eu já tive medo, eu falo que a luta é tão grande que entre ter medo e ter coragem eu nem tenho tempo de ter medo , entre ter medo e continuar fazendo luta eu não tenho tempo de ter medo, entre ter medo e achar também a alegria, afeto na luta, eu falo que prefiro achar alegria, até porque nesse processo da gente sair esta muito fora de casa , mais sou uma pessoa que transita muito, vou mais sem perder de vista o voltar também, regressar, mais ao mesmo tempo assim nesse lugar eu falo que a gente constrói muitos lugares assim de saudades, solidão , mais o quanto que o afeto de outros parentes também, a gente vai construindo outras irmandades, mais nós tivemos momentos muitos duros , mais tudo nos últimos quatro anos, mais não somente nos últimos quatros anos mais de intimidação mais direta assim mesmo ameaçando e falando que se nós continuasse na luta tivesse a frente da luta é como se tivesse ter um apagamento assim , mais nós entende que, eu falo direto assim que nós já decidiu que se

for pra morrer, que seja na luta porque as pessoas que permanece em silencio ela morre duas vezes porque morre a palavra, morre o povo e o direito também de reagir.

Então pra mim assim e embora seja um desafio, mais eu acredito muito que essa força de povo, essa energia de povo, essa questão da espiritualidade , é uma das principais ferramentas é a nossa arma porque enquanto eles projeta bala de fogo, violência e intimidação, nós projetamos esse projeto da vida que é o direito , principalmente que é o direito territorial, e eu sempre digo que não lutar com a arma do inimigo não significa que nós estamos desarmados, nós lutamos com a sabedoria, nós lutamos em Brasília, ninguém ver nós levando uma arma dessa, nós levamos a força da coletividade, então acredito muito nesse projeto coletivo , e quando a gente esta junto , acho que nenhuma bala consegue matar nossa voz, muitos morreram assim, mais a voz ela não morre, ela pode envelhecer mais ela não morre.

6. Qual é a relação entre as mulheres e a natureza, você fala muito dessa relação da mulher com a natureza, como é essa relação?

Quando eu falo isso não é porque eu fico pensando ah é como se fosse, mais é porque realmente eu acredito assim , até que quando eu falo do território e que as pessoas fala assim, ah o território fica as margens do Rio São Francisco e é uma ausência assim que parece que a gente vai acostumando com essa ausência mais quando você ver assim que não tem agua na nossa casa, quando você ver que seu neto pode ser que no futuro bem próximo que pode ser de cinco anos, não vai ter agua pra beber as pessoas vão passar até sede , é igual quando fala assim tem fome as pessoas tem diversas fomes assim, mais ter sede diz assim que é uma coisa tão injustas quando nós o rio é ancestralmente é direito do Xakriabá e ai eu falo que eu comparo a ausência do Rio São Francisco como uma mãe e que o filho que é tirado, e arrancado o direito de amamentar né. A gente pode crescer né, mas cresce com trauma porque um filho que não amamenta no peito da mão, outro alimenta no leite que não é materno ele não vai ter a mesma substância, não vai ter a mesma sustentação.

E eu falo que se a terra é mãe, a terra é mulher eu falo que o Rio também ele é um pai, mas eu considero o rio como se fosse um peito coletivo da humanidade porque todo mundo precisa ser alimentado enquanto viver por esse leite materno que é a agua né, e ai pra mim muito importante pensar essa relação da terra com a natureza, como mulher porque pra nós povos indígenas é bem recente essa palavra meio ambiente , as pessoas mais velhas por exemplo não fala meio ambiente , é na verdade é o nosso território, o povo fala assim é o território, é a chapada é o cerrado, é a caatinga, é ali na mata seca, por que a terra ela é tudo isso , fala que a terra da de comer , da de beber , a terra tem remédio , a terra ela cura , então a terra ela é tudo isso, e pra nós não é meio ambiente não é metade do meio ambiente, a terra e o território é a totalidade da vida, e ai pra nossa identidade indígena não é a terra e nós, somos nós e a terra, porque se a terra fica doente, certamente nós também vamos ficar doente.

Aqui o Xakriabá não tem tanto esse impacto de diretamente de envenenamento da terra mais em outros territórios por exemplo no mato grosso do sul , as mães elas perde o filho ainda quando está gerando no útero porque as crianças são envenenadas, já estão envenenada o útero , e ai tem uma yanomami falou que não quer mais ter filho porque o nosso sangue esta doente o sangue esta contaminado, então se a terra que cura, a terra que tem remédio ela adoece , lógico que nós vai adoecer , se a terra não produz mais , claro que o corpo da mulher também vai ficar doente , por isso que eu falo quando ataca a terra ataca o útero das mulheres indígenas , se a terra adoece , daqui uns dias as pessoas não vai mais poder ter mais filhos porque igual eu falo se a terra é a própria cura, é a mais poderosa , nesse sentido não é a gente, a terra não vai morrer , por mais que a gente mata a vida dela, mais ela não vai acabar, o mundo não vai acabar, é as pessoas que estão acabando com o mundo , então não é exatamente a terra que precisa de nós, é a gente que precisa da terra, por isso que nós precisamos cuidar dela e principalmente grande parte da humanidade precisa urgentemente retomar essa relação com o território porque eles

não enxerga a terra como parente né, parece que a terra é só um lugar para plantar, para exportar e como se fosse uma coisa morta né, e como se não fosse um lugar da vida.

Principalmente em relação com os artesanatos que fala muito isso, tem o tempo que o barro germina, o barro precisa brotar, por exemplo quando é, aqui na casa da medicina, aqui as mulheres pegava sempre a argila pra colocar no útero né, que é bem bom pra cisto, e como que a terra tem essa capacidade de curar, por isso que eu falo a terra é remédio , então o que a terra não cura, então a humanidade por si só já não vai mais poder curar também, então essa relação , da mulher, da natureza, é porque cada lugar assim ponto da natureza, na verdade é um ponto de nosso modo de pensar, não desistir, até Kanatyo que até a arvore é parente assim que tem uma relação, cada pessoa tem uma relação por exemplo com a fruta , com uma, mesmo uma planta, com uma rosa, tem um apego com essa rosa, e parece que ela sente ne especialmente que tem flor né, eu lembro que as que tem flor, se a gente estiver triste cai as pétalas tudinho , porque também tem sentimento, mas as pessoas não pensa assim não , porque se a gente machucou aqui, ou se esta frio, eu vou vestir

blusa, mais as pessoas arranca tudinho lá da terra, e não pergunta se ela esta sentindo dor se esta com frio então é os nossos antepassados esse lugar da nossa cultura indígena é essa relação

7. Você hoje se sente realizada com aquele desejo de ser quando era criança?

Quando eu era criança, eu falava que queria ser professora, eu fui professora, depois fui muito assim apegada a cultura, apegada aqui ao território também, nunca me imaginei sair para enfrentar uma universidade e eu sempre, era engraçado era isso ne, que eu falo que adiar de ter filho, e um dos desejos acho que eu ia ser a primeira a casar, ter filhos e ai fui adiando, mais também hoje eu não sofro com isso, porque eu acredito que existe vários lugares pra gente construir felicidades, e eu vejo a felicidade nos lugares, eu vejo a felicidade na minha família , eu vejo a felicidade quando eu posso ajudar outra pessoa, eu vejo a felicidade quando eu vejo os primeiros meninos formando em odontologia e que eu posso contribuir de alguma forma, orientar, o que seja na mínima coisa, eu vejo felicidades em muitos lugares, e pra mim a felicidade o desejo não é uma coisa pra acontecer, você realizar só amanhã, a felicidade precisa ser

que tem de ter história tudo que veio antes foi uma aculturação de uma adoecimento mais que não faz parte do nosso modo de ser.

considerada hoje , porque senão a gente só vai e, tendo anseio e a gente não vive o hoje, e eu falo que não existe futuro sem futuro, então a felicidade é o que a gente está plantando agora também.

A semente que a gente está plantando agora, é, tem muitas coisas assim que eu gostaria de realizar ainda , mais eu acredito que eu falo que gosto de passear pela vida, então pra mim tudo tem um tempo certo também , porque a gente vive num momento de muito aceleramento do tempo ne, tudo parece que é uma coisa contra o tempo, você está apressada pra ir pra escola, você está apressada pra ir pra tal lugar, e eu lembro de pai falando que pra ele ter o primeiro relógio dele, ele teve de fazer dois mil Adobe, pra levantar bem essa casa ai, ai depois que ele possuiu o primeiro relógio ai perdeu o tempo, então se a gente perguntar na universidade quantas pessoas tem relógios , todo mundo tem

relógio, mais quanto as pessoas tem tempo, então acho que um dos meus maior anseio na verdade com toda certeza é a retomada do tempo, ter mais tempo pra gente, ter mais tempo para as coisas que a gente gosta de fazer , e que um dia a luta não seja tão agressiva que a gente possa viver e não falar de sobrevivência, porque sobreviver parece ser um jeito tão mesquinho de viver com mais dignidade, e eu quero ter tempo, uma das coisas que eu mais gosto de fazer, por exemplo, é pintar vestido.

8. Aqui no Xakriabá, o que você acha sobre as participações das mulheres na luta?

Avançou muito, assim na verdade , eu não vejo muito assim falar, ah não existia e agora esta tendo, assim como eu relembo, só pra retomar relembo de dona Elisa, dona Nena contando, mais tem muitas outras mulheres é a companheira de Zé de Bem Vindo, Vilma, muitas outras a gente precisa começar a escutar as nossas avós e entender que cada uma delas tem um lugar de sabedoria, cada uma delas teve uma contribuição na luta, então a gente percebe assim que hoje tem uma evidencia maior, com dez escolas a maioria são diretoras, a maioria das mulheres estão

Um dos meus maior sonho na verdade é seria fazer um momento mais coletivo, de cooperativa de mulheres, meninas Xakriabá que tem interesse de fazer corte de costura, mais de um jeito mais estruturado, e pensar assim até que as meninas aqui casa demais, eu falei assim se eu chegassem casar , eu ia fazer meu vestido , então assim é retomar esses lugares assim da nossa potência e da nossa boniteza porque na luta e dentro do território Xakriabá tem muitas outras bonitezas, e alguma nós precisa retomar.

na universidades, e são mulheres também , a maioria das mulheres que concluíram o ensino médio também , a maioria dos povos que constrói, e também conclui ensino médio são mulheres mais que homem, já foi feito pesquisa em 2007, isso tem haver também com a quantidade de migração de jovens que tinha de sair pra trabalhar.

Mais eu acredito bastante assim nesse lugar da mulher, e no último final de semana também até estava vendo, eu sei que aqui no Xakriabá tinha até pouco tempo vinte e dois times de

mulheres e a gente percebe a potência das mulheres assim em vários lugar, os homens jogam bolas , mais vou te falar as mulheres são melhores que os homens , e é muito mais animados , porque o povo para pra ver o jogo das mulheres , então assim , é esta conquistando junto com a juventude um lugar de muito respeito assim, só que a luta tanto das mulheres indígenas no território Xakriabá é a gente tem lugar bem diferentes, e isso já é cultural, quando a gente chega num lugar , por exemplo aqui esta os homens, aqui esta as mulheres , já é uma coisa da cultura , isso não é dizer ah é porque esta desrespeitando não é , é porque a gente já sabe o nosso lugar , é a luta das mulheres em geral e aqui no Xakriabá tem muito isso também , é, não é separada dos homens , é exatamente a convivência é o respeito com nossos avós com as pessoas mais velhas.

Então assim eu acredito muito que ao mesmo tempo que tem essa diferença mais as mulheres estão conseguindo também ganhar respeito , conquistando respeito, não é ganhar , conquistar respeito, principalmente também dentro dos grupos das lideranças, no trabalho coletivo, na educação , na saúde em vários lugares , quem são as primeiras advogadas aqui, são olhares, que vão ser mulheres ne , porque esta em formação ainda, mais provavelmente vão ser mulheres e isso é muito importante porque é um sonho do povo Xakriabá , não é um sonho individual nosso né, é um sonho do povo Xakriabá, parecia ser tão distante a vinte anos atrás , eu , hoje a gente percebe essa autonomia, o território Xakriabá , muita gente olha assim , olha, pensa que é pobre, mais na verdade o território Xakriabá tem muitas riquezas , e uma das maiores riquezas são as pessoas.

9. Desde sua concepção qual é o papel das mulheres Xakriabá indígena na sobrevivência cultural?

É muito isso, acho que uma coisa vai juntando com a outra, mais acho que retoma bastante é o caso que eu contei de

dona Rosa de dona Elisa, porque quando elas falou assim, ah não eu não faço muita coisa não, tenho de abrir grande braçada de

roça, pra da de comer meus filhos , e ai eu falo que aquela mão de pilão não é só pra pisar é, a comida pra da de comer aos filhos , aquela mão de pilão, também era um pilar da cultura , então acredito muito que as mulheres foram e continua sendo importante pilar da cultura , tanto é que, no mestrado quando eu fiz a oficina reativadora de memória, e várias mulheres juntaram ali falavam ah você lembra que antigamente , bem antigamente, a última vez que nós viu fazendo essa pratica foi na década de 60 que as mulheres tingiam as roupas dentro da lama preta, no barro deixava curtir por isso chama barreiro na verdade e elas retomando tudo isso e ai uma falou, que eu não sabia não , ai foi contando, contando, ai de repente , ah não eu sabia é porque estava aqui dormindo ne, então o conhecimento da história ela não morre ela esta, ela dorme ne, esta adormecida em algum lugar.

Então vejo a contribuição das mulheres nesse reativar mesmo da memória, que eu falo que é da narrativa nativa, da reativa ativa, a gente continuar contando hoje , porque do nada assim, a mãe da gente contam causo ne e a gente para pra escutar e ai pra mim quando eu lembro também de tia Fortina , um dia

perguntei pra ela, o tia porque que alguma semente lá não acho lá no banco de semente, quando estava naquele momento do fortalecimento da semente, que a gente ia lá tinha uma diversidade de milho bem grande, de feijão , ai ela falou assim que porque a semente só tem sentido mesmo porque é trocando a semente com comadre , com a outra, entre a vizinha, a outra , é a semente que é de rama né, eu falo assim que é a semente , é interessante porque é semente de rama, porque as mulheres ramificam também , eu falo que elas são guardiã das semente como as sorte das biodiversidades ne , e eu falei mais como é que guarda tia, porque lá no banco de semente se guarda assim desse jeito pra não perder, pra manter e não molhar, ela falou ah não tem segredo não é só colocar assim a semente de melão assim na casa de barro , porque é fresco ne ai eu falei ei tia como que é que planta antigamente essa semente de rama e ela falou então vem plantar mais eu, aqui eu te ensino, então não tem melhor jeito de ensinar do que colocando a mão na terra também.

Então por isso que pra mim é bem importante fazer essa escuta ne a gente pensa que a gente aprende quando esta falando, Vô fala assim que lugar onde ele aprendeu , ele nem falava

muito, ele assuntava, então fazer essas escutas, trazer o conhecimento das mulheres, tia Inês fala muito do resguardo das mulheres ne também ai ela falou, mais é verdade isso ai ela falou, é que você não vai sentir não é hoje não é amanhã , depois de tudo isso , realmente é um conhecimento bem importante de que a gente hoje sente todos os sinais de como que é essa questão do

resguardo também , então as mulheres muito importante nessa sabedoria cuidar da outra, no cuidar do corpo, no cuidar da gestação, as parteiras elas tem um trabalho incrível que elas não são somente ali no parto mais elas cuidam principalmente pós parto, do corpo e da cabeça da mulher, que disse que fica muito fina né.

10. No dia a dia vida nas aldeias de nosso povo será que poderíamos falar que há uma divisão naquilo que seria o papel social do homem Xakriabá e da mulher Xakriabá?

Acho que é muito mais do que papel social , é papel cultural né, porque é igual eu falei assim é, faz parte da cultura mais ao mesmo tempo nós temos refletido bastante isso que também, se for falar de qualquer tipo, algo que deve ter violência nós não pode falar que é cultural , mas a gente sabe que a convivência ela faz parte da cultura , quando a gente fala assim, chega num lugar parece que é automaticamente que é, ninguém mandou a gente ficar naquele lado, mais até as crianças já acompanha né homens desse lado, as mulheres do outro, só que também a cultura ela dá sinais de transformações, e não existem problemas

nenhum em transformar a cultura, eu falo que quando esta transformando a cultura não é porque nós esta desobedientes por exemplo, não existia lideranças mulheres, agora tem Diana não é que ela esta se colocando e esta numa desobediência, é que as próprias lideranças vão reconhecendo esse espaço, as mulheres embora elas não esta em, grande parte no quadro de liderança, mais elas ocupam em grande parte o quadro da educação , elas ocupam outros lugares , então eu penso que muito mais que uma divisão social , é na verdade um lugar cultural que não é dividido, porque tem hora que é compartilhado.

“mulheres terra, mulheres
água, mulheres biomas,
mulheres espiritualidade,
mulheres árvores, mulheres
raízes, mulheres sementes
e não somente mulher,
guerreiras da ancestralidade.

CAPÍTULO 5

Aprendizagens de uma pesquisa com um pé na aldeia e um pé na universidade

Ao finalizar essa pesquisa, eu concluo que todas as mulheres fazem luta, cada uma de uma forma diferente e para benefícios coletivos, cada uma faz e vive na luta, mas muitas não se reconhece como coluna de sustento, seja na luta familiar ou na luta para com todos, para elas parece ser só um dever, mais é mais que isso, é resistência. Aprendi que, mesmo que ainda a luta é constante, a força da mulher indígena também é, e de acordo com os relatos, artigos que li, a força da mulher vai muito além, uma força coletiva, onde cada vez mais se fortalece e cresce.

Esse trabalho me permitiu conhecer várias outras realidades, de outros povos, de mulheres indígenas e não

indígenas, me fez pensar melhor sobre a relação das mulheres com o mundo atual, e repensar também como as mulheres desde antes já faziam lutas. E com as lives de Célia aprendi muito, sobre como a gente, enquanto mulher pode usar os meios tecnológicos como ferramenta de luta, mesmo estando em casa, sabemos que o mundo vem se transformando cada vez mais, só que aprendi que podemos usar tudo isso a nosso favor, guardo comigo cada palavra ouvida nas lives, palavras de fortalecimento, de resistência e inspiração. Hoje tenho a mente expandida, de tanto conhecimento que aprendi, e que vou levar para a vida toda.

Sônia. Flávia. Nety.
Juliana. Elisa. Célia.
Samela. Txai. Telma.
Rosália. Antônia. Bia.
Janaína. Jozí. Thaís.
Thyara. Puyr. Flávia.
Sabrina. Yekan. Anna.
Cacique Pequena. Cisa.
Dona Ana. Amanda.
Carolina. Luana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CORREA XAKRIABÁ, Célia Nunes. O Barro, o Genipapo e o Giz no fazer epistemológico de Autoria Xakriabá: reativação da memória por uma educação territorializada. Dissertação de Mestrado - Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília.
- DE JESUS, Naine Terena; DE MIRANDA, Téo (2020). Educação escolar indígena em rota de convergência: lives, processos e futuro. Revista Latinoamericana de Etnomatemática, 13(1),174-188.[fecha de Consulta 5 de Febrero de 2022]. ISSN: . Disponible en: <https://www.redalyc.org/articulo oa?id=274065702010>
- MAXAKALI, Lúcio Flávio. **Tayumak tikmu'un yi y ax** = O uso do dinheiro na cultura maxakali. 2018. 10 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura)–Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018. Habilitação em Matemática.
- TEIXEIRA, Isis Aline Vale, & de Gomes, Ana Maria Rabelo, A escola Indígena tem gênero? explorações a partir da vida das mulheres e professoras Xakriabá. (2012) <https://revistas2.uepg.br/index.php/praxeducativa/article/view/5057/3325>
- PAREDES, Julieta. Temos que construir a utopia no dia a dia. 2020. Disponível em: <https://apublica.org/2020/05/temos-que-construir-a-utopia-no-dia-a-dia-diz-a-boliviana-julieta-paredes/>
- PAREDES, Julieta. O Feminino comunitário é uma provocação, queremos revolucionar tudo. 2016. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/555380-o-feminismo-comunitario-e-uma-provocacao--queremos-revolucionar-tudo>